

## Do território aos sujeitos

### *A construção social da noção de qualidade de vida*

Teresa Costa Pinto<sup>1</sup>

**Resumo:** Mantendo a abordagem de qualidade que tem vindo a ser desenvolvida em artigos anteriores desta revista<sup>2</sup>, ou seja, a noção de que a qualidade de vida se refere a uma multiplicidade de aspectos relacionais entre os indivíduos, com as suas características pessoais e sociais, e o meio envolvente, entendido quer enquanto definidor das condições de vida quer possibilitando um conjunto de oportunidades e constrangimentos, interessa particularmente neste artigo perceber como os sujeitos avaliam, se apropriam e julgam os recursos pessoais e os do meio envolvente em termos de qualidade de vida, isto é, como constroem a sua noção de qualidade de vida. Trata-se, assim, de aprofundar as questões mais subjectivas presentes na construção da noção de qualidade de vida e respectivas formas de avaliação, dando conta de um percurso que, tendo tido como ponto de partida o “território”, parece ter desembocado nos “sujeitos”.

**Palavras-chave:** qualidade de vida; percepção subjectiva da qualidade de vida; construção da noção de qualidade de vida.

## Introdução

Qualquer pesquisa implica um processo constante de questionamento e reformulação do objecto e das hipóteses inicialmente definidos. A pesquisa que suporta este artigo não é excepção<sup>3</sup>. Aceitando como ponto de partida que a abordagem da qualidade de vida implica, na sua forma de conceptualização e de operacionalização, dar conta de um processo de relacionamento entre os indivíduos e o seu meio envolvente, atribuindo-lhes uma capacidade de julgamento, de resposta, de reconfiguração face a um sistema de oportunidades e constrangimentos, colocou-se, inicialmente, como hipótese estruturante das formas de percepção e avaliação da qualidade de vida, o papel motriz das condições de estruturação socioespacial, tanto mais que o objecto empírico incide sobre a Área Metropolitana de Lisboa. Sabendo-se que estas condições diferenciam os espaços na forma como os qualificam, nas condições de vida que enquadram a vida quotidiana e na qualidade de vida que

permitem ou comprometem, o primeiro enfoque orientou o seu olhar para os processos e dinâmicas de desenvolvimento socio-urbanístico, procurando os elementos diferenciadores (e, neste sentido, indutores de formas de desigualdade e de segregação socioespacial) ao nível da qualificação do espaço urbano, do habitat, das condições ambientais, das formas de mobilidade, da dotação de equipamentos, etc. que distinguem os vários territórios integrados na Área Metropolitana de Lisboa.

A abordagem e identificação das principais dinâmicas que afectam, nas últimas décadas, as grandes metrópoles (e nomeadamente a de Lisboa) e a caracterização sociográfica do espaço metropolitano permitiriam sustentar a hipótese, pese a heterogeneidade de condições próprias aos vários espaços, de que o centro da metrópole se distinguiria dos restantes espaços periféricos, nas condições de qualidade de vida potencialmente oferecidas. Desta forma, a atenção sobre a problemática “centro *versus* periferia(s)” condicionou, de alguma forma, o olhar e a concepção dos instrumentos de recolha

<sup>1</sup> Prof. Auxiliar do Departamento de Sociologia do ISCTE-IUL; investigadora do CET (Centro de Estudo Territoriais). Contactos: teresa.pinto@iscte.pt

<sup>2</sup> Pinto, Teresa Costa, Dez. 2007, “Noções e percepções de qualidade de Vida: que pistas para uma intervenção na cidade”, *Cidades, Comunidades e Territórios*, Lisboa, CET; Pinto, Teresa Costa, Dez. 2004, “Qualidade de Vida: reflexões e debates em torno de um conceito”, *Cidades, Comunidades e Territórios*, Lisboa, CET.

<sup>3</sup> Pinto, Teresa Costa, 2006, *Percepção e Avaliação da qualidade de Vida na AML: recursos, aspirações e necessidades na construção da noção de qualidade de vida*, Dissertação de Doutoramento, ISCTE.

de informação em função de uma suposta percepção e avaliação da qualidade de vida concordante com as condições de vida oferecidas por cada um destes espaços<sup>4</sup>.

Contudo, os elevados níveis de satisfação manifestados pelos inquiridos, em relação aos vários domínios componentes da qualidade de vida, a que se acrescenta uma percepção globalmente positiva da qualidade de vida em geral; uma noção dominante de qualidade de vida a traduzir a importância dos domínios mais materiais e pessoais e a desvalorização das condições do quadro de vida<sup>5</sup>, obrigou a explorar os processos mediadores entre o que se designou de condições de vida e as respectivas formas de avaliação e experiências de satisfação. Fundamentalmente, implicou o reconhecimento da complexidade de variáveis que medeiam entre o que podemos considerar condições objectivas de vida e formas de percepção da qualidade de vida e de como esta percepção se traduz em determinados processos de avaliação dessas condições. Na pesquisa que sustenta o presente artigo, o objecto central passou, assim, a incorporar a complexa relação entre condições de vida e percepções e avaliações subjectivas, acentuando a importância de tornar evidentes as formas como as condições objectivas são experimentadas subjectivamente pelos sujeitos, na expressão de Fahey *et al.* (2003).

O objectivo deste artigo é, assim, dar conta do percurso que, tendo tido como ponto de partida o “território”, desemboca nos “sujeitos”. Mantendo a

abordagem de qualidade de vida estruturante desta pesquisa, a noção de que a qualidade de vida se refere a uma multiplicidade de aspectos relacionais entre os indivíduos, com as suas características pessoais e sociais, e o meio envolvente, entendido quer enquanto definidor das condições de vida quer enquanto possibilitando um conjunto de oportunidades e constrangimentos, interessa aqui perceber como os sujeitos avaliam, se apropriam e julgam os recursos pessoais e os do meio envolvente em termos de qualidade de vida, isto é, como constroem a sua noção de qualidade de vida.

A concretização deste percurso fez-se ensaiando uma estratégia metodológica de carácter qualitativo<sup>6</sup> com vista à constituição de “*perfis de qualidade de vida*”<sup>7</sup> implicando, como ponto de partida: i) reconhecer, nesta perspectiva *transaccional e dinâmica*, que a construção de representações em relação ao significado de qualidade de vida passa por um processo “*experencial*”. Neste processo, intervêm não apenas factores adaptativos às circunstâncias externas mas experiências de vida, trajetórias e recursos, susceptíveis de gerarem dinâmicas de formação de aspirações, expectativas e necessidades, segundo as quais os indivíduos avaliam os atributos pessoais, do meio envolvente e sociais, chegando assim quer a uma noção de qualidade de vida quer a uma avaliação do seu nível de qualidade de vida; ii) perceber as estratégias adoptadas na gestão dos recursos disponíveis e dos constrangimentos impostos; iii) ter em conta os objectivos definidos na direcção das suas vidas,

<sup>4</sup> Aliás, o tratamento da informação obtida através do inquérito por questionário, baseado na divisão em três grupos territoriais: Lisboa, Área Metropolitana Norte (excluindo Lisboa) e Área Metropolitana Sul, teve, em parte, como pressuposto a diferenciação de condições socioespaciais definidoras das especificidades de cada um destes territórios.

<sup>5</sup> Cfr. Pinto, Teresa Costa, Dez. 2007, “Noções e percepções de qualidade de Vida: que pistas para uma intervenção na cidade”, *Cidades, Comunidades e Territórios*, Lisboa, CET. Chamava-se, também, aqui a atenção para o facto de tais níveis de satisfação não traduzirem certamente a diversidade de condições de vida oferecidas pelos vários territórios em análise, inerentes à desigualdade da posição social dos indivíduos ou à especificidade de determinadas fases do ciclo de vida familiar e profissional.

<sup>6</sup> Foram realizadas 24 entrevistas em profundidade semidirectivas. O critério de selecção dos entrevistados orientou-se pela constituição e procura do que designámos “*perfis empíricos*”, isto é, “*casos-tipo*” que representem a diversidade de possibilidades empiricamente existentes, de acordo com os objectivos definidos para esta técnica de recolha de informação. Elegeram-se como critérios de partida para a constituição dos “*perfis empíricos*” duas variáveis:

– a trajetória residencial, tendo em conta o facto de esta incluir ou não um percurso de mobilidade de Lisboa para a periferia ou vice-versa. O primeiro caso dará origem ao perfil “*Móvel*”, o segundo ao perfil “*Localizado*”;

– dentro de cada um destes dois perfis-base, considerou-se, para ambos, o local de residência actual (Lisboa/Periferia), dando origem a dois subgrupos: “*Central*” e “*Periférico*”.

A conjugação destas duas variáveis estabelece quatro “*perfis empíricos*”: 1. “*Localizado Central*” (LC); 2. “*Localizado Periférico*” (LP); 3. “*Móvel Central*” (MC); 4. “*Móvel Periférico*” (MP). Na selecção dos entrevistados que se enquadram nos perfis descritos, foram ainda tidos em conta princípios de diversificação etária, de pertença de classe e de género.

Para informação mais detalhada, consultar Pinto, Teresa Costa, 2006, *Percepção e Avaliação da Qualidade de Vida na AML: recursos, aspirações e necessidades na construção da noção de qualidade de vida*, Dissertação de Doutoramento, ISCTE.

<sup>7</sup> Entendendo por “*Perfis de Qualidade de Vida*”, um conjunto de representações sobre a noção de qualidade de vida apresentadas pelos sujeitos, dizendo-nos já algo sobre as características e as exigências de um modo de vida orientado em função de determinados recursos e constrangimentos que definem aspirações, necessidades e objectivos e integram, simultaneamente, as trajetórias de vida e as experiências dos sujeitos. Estes perfis foram construídos de acordo com as seguintes dimensões:

1) significado de qualidade de vida (que entendem os indivíduos espontaneamente por qualidade de vida);

2) factores que mais contribuem e que mais afectam a qualidade de vida;

3) nível de satisfação com a qualidade de vida e dimensões contribuintes para essa satisfação.

Articuladamente com a construção destes perfis, associam-se a origem social, a trajetória geográfica/residencial e profissional e ainda a situação familiar e fase do ciclo de vida, de forma a perceber como as experiências passadas, os recursos pessoais e a situação particular dos indivíduos interferem na construção da noção de qualidade de vida, na avaliação da situação presente e na criação de expectativas futuras.

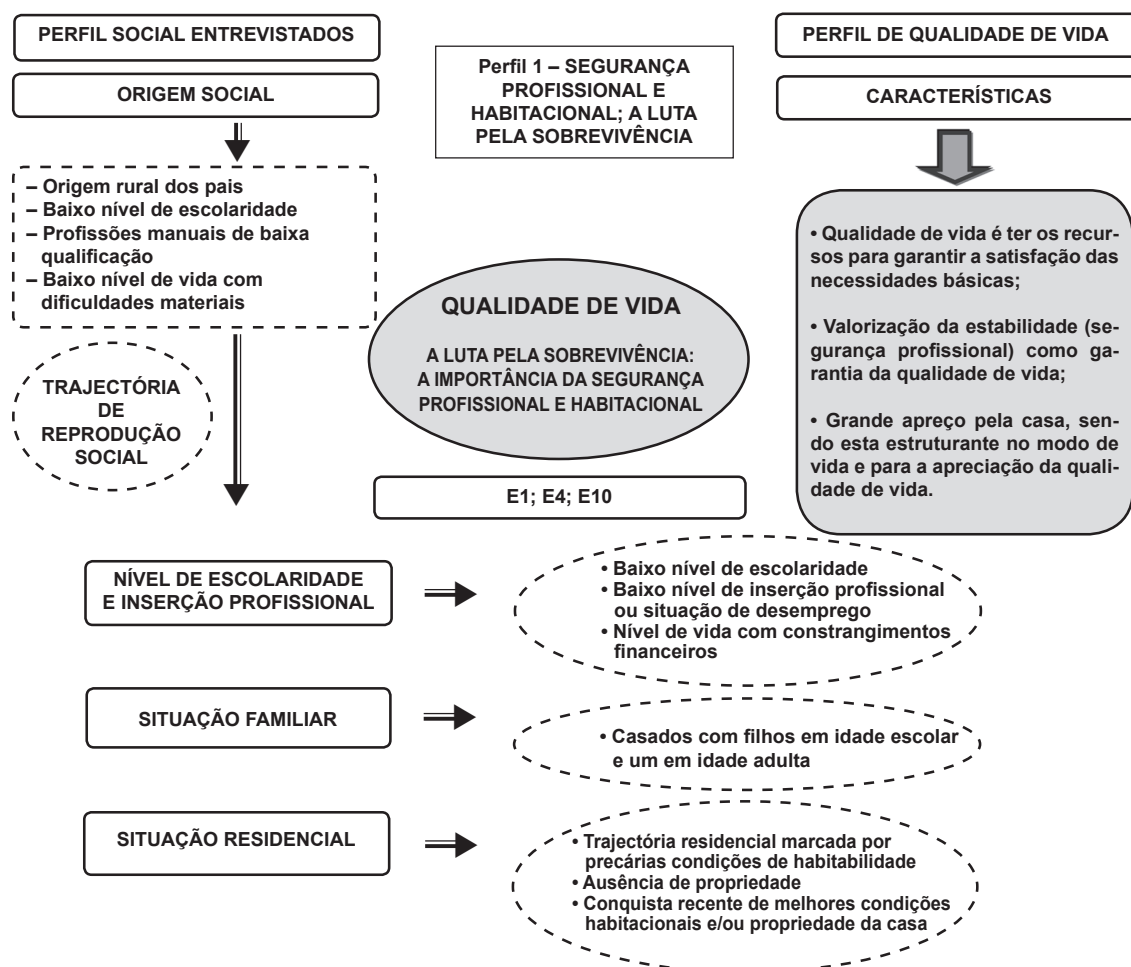
responsáveis pela hierarquização e priorização de determinadas dimensões e factores constitutivos da sua qualidade de vida.

Entender os processos de “ajustamento” e de resposta envolvidos na relação entre recursos objectivos, trajectórias e experiências individuais e bem-estar subjectivo, torna possível obter-se como “output”: i) a percepção de como os indivíduos chegam a avaliar os diferentes domínios da sua vida (e a relação entre eles); ii) os recursos à sua disposição e a importância de cada um para a sua definição de qualidade de vida; iii) uma aproximação aos determinantes do bem-estar subjectivo, percebendo, deste modo, as relações entre condições de vida objectivas e bem-estar subjectivo.

### As representações sobre o conceito de qualidade de vida

#### *Perfil 1 – segurança profissional e habitacional: a luta pela sobrevivência*

O primeiro perfil a que a análise de conteúdo



**Figura 1** – Representações de qualidade de vida: Perfil 1

### Uma trajectória de vida marcada pela precariedade

A origem social e geográfica, a trajectória de vida, quer residencial, quer profissional e o perfil social actual uniformizam os entrevistados que compõem este perfil de qualidade de vida e constituem potencialmente o quadro interpretativo das dimensões associadas à noção de qualidade de vida.

Pese a diferença etária, têm em comum uma origem rural, pais com baixos níveis de escolaridade e a exercerem profissões manuais ligadas ao trabalho agrícola, à construção civil ou ao serviço doméstico, de baixas qualificações e proporcionando um nível de vida marcado, muitas vezes, por dificuldades materiais e privações várias:

*“Éramos do campo. Eu cresci lá (Aldeia de Ardeira – Lamego), vivi lá até aos treze anos, trabalhei no campo e estudei ao mesmo tempo. Fiz a 4.ª classe. A partir daí comecei também a trabalhar no campo, a ganhar o dia, porque tínhamos dificuldades, tínhamos que ajudar em casa. Éramos quatro irmãos. A partir dos treze anos vim servir para Lisboa.”*

E10, telefonista, 4.ª classe, casada, com 1 filho adulto, 52 anos, LP. Pais sem escolaridade e trabalhadores rurais.

A origem social e as dificuldades económicas marcam de forma indelével o seu percurso de vida. Desde logo, pelas limitações impostas ao prosseguimento dos estudos, cerceando fortemente a possibilidade de concretização das aspirações ao nível da escolaridade e do exercício profissional com consequências inevitáveis em termos de capacitação pessoal para uma trajectória social ascendente:

*“Quer dizer, que estudasse mais um bocadinho, para ser mais alguma coisa, não é? Só que não quis. Desisti. Foi o meu pior erro.”*

*“Tanta coisa. Prontos, gostava de ser veterinária, prontos, gosto de animais, adoro os animais, prontos, era a única coisa que eu gostava de ser era veterinária, porque adoro animais. Só que não quis, prontos, não quis estudar, prontos.”*

E1, empregada doméstica, casada, com filhos, 33 anos, LC.

Deste modo, este grupo protagoniza uma trajectória de reprodução social caracterizando-se por um perfil de baixo nível de escolaridade, baixa inserção profissional ou situação de desemprego, dando origem a um nível de vida definido por constrangimentos financeiros com especial visibilidade na trajectória residencial marcada pela vivência em alojamentos de precárias condições de habitabilidade, ausência de propriedade da casa, partilha da casa com outros familiares.

### A luta pela satisfação das necessidades básicas: a importância das condições materiais e de habitação

Mantendo o princípio de que a construção da noção de qualidade de vida é permeável às experiências do passado e que estas têm um papel motor na formação das aspirações, (se quisermos, na limitação das aspirações), das exigências e das expectativas desenvolvidas ao longo da trajectória de vida, não é surpreendente que os entrevistados deste perfil, como se pode observar pela Fig.1, testemunhem uma **noção de qualidade de vida centrada nos recursos dos próprios** permitindo fazer face ao que se define como “necessidades básicas” e, por isso, valorizem, sobretudo, as **condições materiais ou a estabilidade financeira** (e, por esta razão, a estabilidade profissional) capaz de assegurar essa satisfação:

*“Era ter melhor (qualidade de vida).(…) Prontos, assim, ter mais um bocadinho (de dinheiro), prontos que pudesse, ajudar assim as pessoas e assim essas coisas. (...) Um bocadinho mais dinheiro, mas prontos, para ter mais aquelas coisas...”*

E1, empregada doméstica, casada, 1 filho, 33 anos, LC.

A trajectória residencial, marcada por condições precárias ao nível da habitação, faz evidenciar a importância desta dimensão, quer nos casos em que se conquistou uma melhoria significativa ao nível das condições de habitação, quer naqueles em que esta dimensão continua a ser um factor de descontentamento em relação às condições de vida. No caso de E1 e E10, a conquista de uma casa própria ou de uma casa com boas condições de habitabilidade, face às experiências residenciais

anteriores, faz não só sublinhar a importância da casa enquanto factor de incremento da qualidade de vida, como constitui, no presente, um dos principais factores de satisfação com a vida pessoal:

*“Mas já tenho aquilo que eu quero. Tenho a casa, já tenho as minhas coisas. Já me considero bem. Já me considero melhor do que aquilo que eu estava. Agora já me sinto bem. Prontos, estou optimamente bem. (...) Sim (atingiu o sonho da sua vida). Ter as coisas que eu queria. Por isso agora estou bem.”*

E1, empregada doméstica, casada, com 1 filho, 33 anos, LC.

*“Sinto (satisfeita). Neste momento sinto. Eu dou graças a Deus, realmente chegar ao que cheguei há 26 anos, porque eu não era nada. Era a minha pessoa e nada mais. Eu e o meu marido a lutarmos pela vida e por aquilo que temos neste momento. Agora estou a pagar a casa, o andar à Caixa. Mas sinto-me feliz, graças a Deus.”*

E10, telefonista, 4.<sup>a</sup> classe, casada, com 1 filho adulto, 52 anos, LP

### **Factores contribuintes para a qualidade de vida e níveis de satisfação**

Nas dimensões contribuintes para a qualidade de vida e responsáveis pelos sentimentos de satisfação, estes entrevistados elegem factores concordantes com os apresentados para o significado de qualidade de vida, baseados na satisfação de dimensões consideradas prioritárias como a casa ou a estabilidade financeira. Uma terceira dimensão refere-se, como pode ver-se no Quadro 1, à importância da família quer enquanto suporte afectivo quer como entreadjuada, pelo que se valoriza a proximidade de familiares no local de residência:

*“... os meus pais tomam conta da minha filha, prontos. Ficam com ela, como eu estou a trabalhar, a minha mãe fica com ela, depois vai trabalhar, fica uma senhora com ela. Prontos sempre tenho as minhas vantagens todas ali, mesmo perto de casa.”*

E1, empregada doméstica, casada, com 1 filho, 33 anos, LC.

*“Ter casa e ter aquilo que tenho. Ter o filho. Que eu dou graças a Deus ter o filho que tive. Foi muito estudioso, foi uma pessoa que lutou, incentivado por mim, já que não me deram a mim, eu disse-lhe a ele: “Tem aquilo que não tive. Tem aquilo que não me deram e te quero dar.”*

*“A minha irmã mora na Rínchoa, o meu irmão mora no Cacém, só que a minha irmã tem casa na Aroeira e o meu irmão mora ao pé de mim, em Vale Milhaços. Estamos muito unidos ao fim-de-semana.”*

E10, telefonista, 4.<sup>a</sup> classe, casada, com 1 filho adulto, 52 anos, LP

Estes sentimentos de satisfação enfatizam os recursos conquistados, face a uma trajectória de vida marcada por privações nestes domínios, pelo que o confronto com o passado, concordantemente com as teorias de Campbell *et al.* (1976) e Michalos (1985), parece ser a variável explicativa para os actuais sentimentos de satisfação com a qualidade de vida conquistada. Em alguns casos, a situação actual excede mesmo as expectativas interiorizadas, pelo que se acentua o actual nível de satisfação em relação à vida pessoal:

*“... nunca pensei ter nada do que tenho, nunca. (...) Quer dizer, eu nunca pensei vir a ter, fui lutando por ter. Pensar que ia ter, nunca. (...) Não, não sonhava. Nunca sonhei porque foi totalmente o inverso do antigamente. O não ter, o passar fome. Foi totalmente diferente.”*

E10, telefonista, 4.<sup>a</sup> classe, casada, com 1 filho adulto, 52 anos, LP

*“Não, não sou muito ambiciosa, por acaso não sou dessas ambiciosas que querem ter e... quer dizer, não sou ambiciosa, mas, se eu disser assim, quero aquilo que sou capaz de ir buscar, mas pronto, se puder (...). Mas já tenho aquilo que eu quero. Tenho a casa, já tenho as minhas coisas. Já me considero bem. Já me considero melhor, do que aquilo que eu estava. Agora já me sinto bem. Prontos, estou optimamente bem. (...) Sim (atingiu o sonho da sua vida).”*

E1, empregada doméstica, casada, com 1 filho, 33 anos, LC.

Se a situação vivida no passado e a trajectória de vida agem enquanto *standard* de comparação mediante o qual são avaliadas, hoje, positivamente condições de existência consideradas fundamentais para a vida, as comparações sociais que implicitamente se vão fazendo reforçam este sentido positivo de avaliação. Estas comparações são feitas não em relação a um grupo de referência específico, social ou geograficamente próximo (grupo de amigos, vizinhos ou colegas de trabalho), mas a situações sociais “anónimas” avaliadas de forma negativa por comparação com as suas. Já Diener e Suh (1997) sublinham que, nos processos de ajustamento entre recursos objectivos e bem-estar subjectivo, os indivíduos tendem a construir estratégias comparativas não com grupos de referência específicos face aos quais a sua situação possa resultar desvantajosa mas com outros que sublinhem, ao contrário, a sua vantagem. Tais comparações traduzem-se, muitas vezes, na reorganização de prioridades e objectivos de forma a que a avaliação da sua situação produza resultados favoráveis. É, de resto, o que pode observar-se pelo seguinte excerto:

*“(...) Estou feliz e realizada com o que tenho, com a casa. Estou feliz porque também tenho emprego. É evidente que muita gente não tem.”*

E10, telefonista, 4.ª classe, casada, com 1 filho adulto, 52 anos, LP

De uma forma geral, e observando o Quadro 1 adaptado da grelha de Veenhoven (2000), podemos constatar que os entrevistados agrupados neste perfil revelam uma **concepção de qualidade de vida centrada nos recursos próprios**, enfatizando, pela positiva, condições conquistadas que um passado de privações lhes negou (E1 e E10) ou, pela negativa, condições consideradas fundamentais ainda não satisfeitas (E4). A trajectória destes sujeitos explica porque são estas as dimensões relevadas (estabilidade financeira, propriedade da casa e/ou condições de habitabilidade, importância da família enquanto suporte afectivo e de entajuda) confirmando como a experiência de vivências em situações de limitação de recursos básicos age enquanto barreira na formação de aspirações, expectativas e projectos de vida. A satisfação com a

situação actual pode, assim, ser interpretada à luz de comparações temporais e sociais claramente favoráveis. Avaliação concordante com a observação de Diener e Suh (1997) quando referem que os indivíduos tendem a enfatizar os recursos possuídos (e ainda mais se a sua conquista foi recente) e a escolher objectivos de vida para os quais estão munidos de recursos relevantes. Daí, também, a desvalorização da privação de recursos pessoais susceptíveis de gerar outras “capacidades” e outras “funcionalidades”<sup>9</sup> como a educação e a cultura.

Por outro lado, é notória a ausência de referências espontâneas a dimensões que incluam os recursos e condições do meio envolvente, quer da zona residência, quer das condições de mobilidade e acesso a equipamentos e serviços<sup>10</sup> ou mesmo **das qualidades sociais**. Estão, assim, ausentes das representações sobre qualidade de vida dimensões relacionadas com a “habitabilidade” (“*liveability*”, na expressão de Veenhoven) como estão também ausentes, pese a satisfação com o nível de qualidade de vida atingido, dimensões de apreciação da vida relacionadas com a satisfação/realização pessoal, profissional ou com a definição de objectivos de fruição pessoal, seja através das redes de relações informais (amigos e vizinhos) seja através do tempo de recreação e lazer pessoal ou familiar.

Construindo uma tipologia de representações de qualidade de vida baseada na matriz proposta por Allardt (1993) – Quadro 2, destacam-se claramente as dimensões relacionadas com o *Having*, isto é, condições básicas de vida como as mencionadas sem as quais poder-se-ia estar perante situações de privação, desvalorizando-se, ainda dentro deste grupo, factores que implicam outras exigências e outras aspirações quanto à qualidade de vida, como seja deter um bom nível de educação e cultura, viver em boas condições ambientais ou poder usufruir de boas condições de mobilidade e de acesso a equipamentos e serviços.

Por outro lado, não são de desprezar as necessidades de pertença (dimensão de *Loving*) reveladas por estes entrevistados mas estritamente relacionadas com o registo familiar, parecendo desvalorizar ou estar mesmo ausente a necessidade de construção de outras identidades sociais, baseadas em redes informais de relacionamento social como

<sup>8</sup> Foram realizadas análises tipológicas e categoriais.

<sup>9</sup> Na aceção de Sen (1993).

<sup>10</sup> À excepção de E10, para quem trabalhar mais perto do local de residência significaria um acréscimo de qualidade de vida e de E1 que sublinha a importância de viver perto do local de trabalho.



sejam os amigos ou os vizinhos. Já a dimensão de *Being*, relacionada com as possibilidades de realização pessoal, seja através do trabalho ou de factores susceptíveis de criar sentimentos de satisfação/realização pessoal, está de todo ausente da noção de qualidade de vida incorporada por este perfil.

Pese a ausência destas dimensões e a limitação da noção de qualidade de vida a patamares básicos de recursos e de capacidades apenas passíveis de preencherem necessidades mais materiais e

impessoais, não se deixa de observar níveis apreciáveis de satisfação com a qualidade de vida actual (sobretudo em E1 e E10), o que se enquadra na matriz de interpretação de Zapf (1984, adaptado de Berger-Schmith e Noll, 2000), ao salientar a frequência com que condições objectivas de vida menos vantajosas são apreciadas de forma positiva pelos sujeitos e indutoras de níveis elevados de satisfação e bem-estar, processo que apelida de adaptação.

**Quadro 1** – Significado de qualidade de vida (grelha Veenhoven): Perfil 1

RECURSOS (“Life Chances”)		RESULTADOS (“Life results”)			
<b>DO PRÓPRIO</b> (“Life-ability”)	Recursos financeiros	E1; E4; E10; [1]	<b>APRECIÇÃO DA VIDA</b>	Ter tempo/desfrutar da família	E4
	Saúde	E1; E4;		Ter tempo/estar com os amigos	
	Ter casa com boas condições de habitabilidade	E1; E4; E10		Lazer	
	Ter emprego estável	E10		Realização/satisfação profissional	
	Nível de educação/cultura			Realização/satisfação pessoal	
	Ter família	E1; E4			
<b>DO MEIO ENVOLVENTE</b> (“Livability”)	Boas condições de mobilidade/Acesso a equipamentos e serviços	E1; E10	<b>UTILIDADE DA VIDA</b>	Sentir-se útil para os outros	
	Viver num sítio ambientalmente agradável (espaços verdes, tranquilidade, qualidade paisagística)				
	Viver num contexto socialmente gratificante (proximidade a familiares, boas relações de vizinhança)	E4; E10		Participação em actividades comunitárias	
	Ter acesso à educação/cultura				

Fonte: adaptado de Veenhoven (2000)

[1] As entrevistas assinaladas a vermelho correspondem a entrevistados que integram o perfil “Localizado Central», enquanto as assinaladas a azul correspondem ao perfil “Localizado Periférico”.

**Quadro 2** – Significado de qualidade de vida (grelha Allardt): Perfil 1

HAVING	
Condições materiais	E1; E4; E10
Saúde	E1; E4
Casa com boas condições de habitabilidade	E1; E4; E10
Emprego (estável)	E10
Bom nível de educação/cultura	
Viver em boas condições ambientais	
Boas condições de mobilidade / acesso a equipamentos e serviços	E1
LOVING	
Família (estabilidade familiar; tempo para dedicar à família; proximidade de familiares)	E1; E4; E10
Amigos (ter amigos e tempo para estar com eles)	
Boas relações de vizinhança	
BEING	
Realização profissional	E4
Bem-estar pessoal/realização pessoal	
Tempo para o lazer/recreação pessoal	
Participação em actividades comunitárias	

Fonte: adaptado de Allardt (1993)

*Perfil 2 – Uma concepção intimista de qualidade de vida: família, habitação e emprego*

Os entrevistados agrupados neste perfil mostram uma concepção intimista de qualidade de vida, centrada no universo privado e em algumas dimensões que o compõem: a família, a habitação e o emprego. Esta concepção equivale a reconhecer a importância de determinados recursos dos próprios, provavelmente os mais facilmente controláveis, relativos a três dimensões fundamentais:

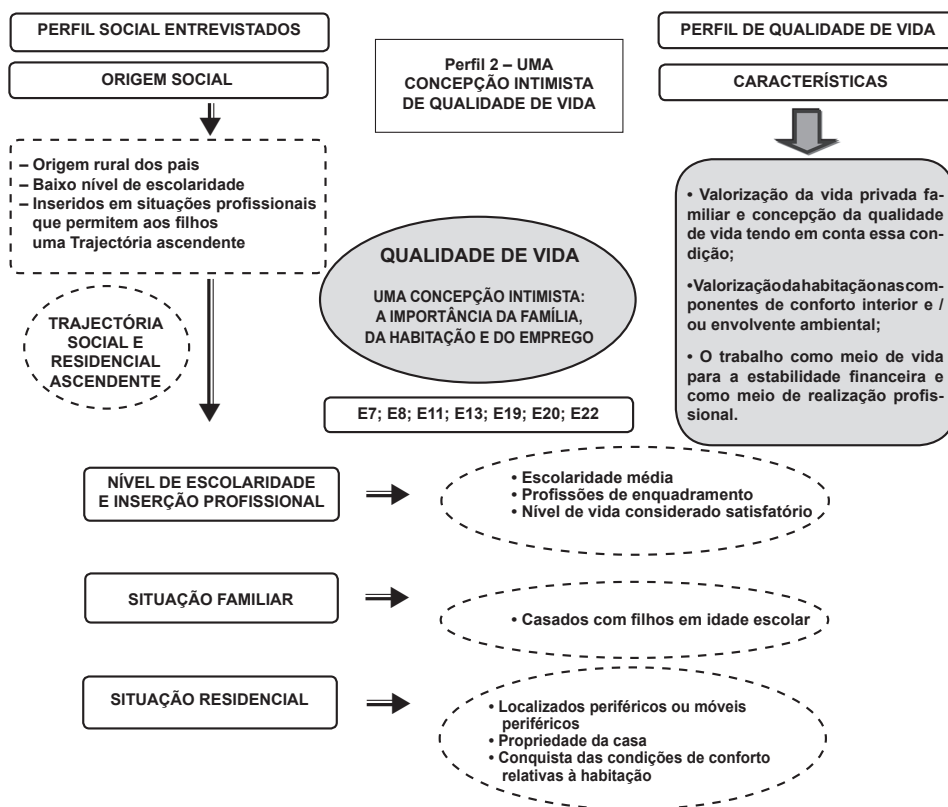
- valorização da vida familiar, principal eixo sobre o qual gira a qualidade de vida;
- valorização da dimensão residencial, não já enquanto conquista de condições de habitabilidade essenciais, mas implicando dimensões de conforto, privacidade e satisfação pessoal com a casa;
- importância da estabilidade financeira, não

para assegurar níveis básicos de subsistência mas como condição de obtenção de um nível de vida com algum conforto. Deste ponto de vista, o trabalho é encarado como garante da estabilidade financeira ainda que, em muitos casos, seja também visto como meio de satisfação e realização pessoal.

Como se pode observar pela Figura 2 e pelo Quadro 2, as representações sobre a qualidade de vida centram-se na importância conferida à vida privada, nas dimensões da habitação, do trabalho e, sobretudo, da vida familiar:

Contudo, uma primeira variável demarca este grupo do anterior: o tipo de profissões exercidas pelos pais. Embora detentores de baixas qualificações, enveredam, na maioria, por profissões que lhes permitem trabalhar por conta própria (serralheiros, construtores civis, decoradores, costureiras, etc.) ou por percursos de emigração, sobretudo para África, proporcionando aos respectivos agregados familiares condições financeiras geradoras de um nível de vida, senão de desafogo, pelo menos de satisfação de condições fundamentais de habitabilidade e de conforto. Assim, não se coloca o problema da privação de condições básicas, ainda que isso tenha

Figura 2 – Representações de Qualidade de Vida: Perfil 2



### A origem social e a trajetória individual: um percurso de ascensão social

Do ponto de vista da origem social, os entrevistados agrupados neste perfil partilham com os anteriores algumas características, nomeadamente a origem rural e o baixo nível de escolaridade dos pais (a maior parte concluiu apenas a 4.ª classe) e um percurso de migração para Lisboa, feito mais cedo, com os entrevistados a serem já naturais de Lisboa ou da área metropolitana ou a sofrerem este percurso ainda em crianças.

implicado, como muitos entrevistados reconhecem, um percurso de vida de trabalho árduo e, em alguns casos, de dificuldades:

*“A minha mãe sempre viveu para não faltar nada, alimentação, bens materiais, trabalhava sempre muito, muito, muito. A esse nível nunca nos faltou nada, graças a Deus. Não éramos abonados, mas nunca tive necessidades.”*

E7, técnica de contabilidade, 9.º ano, 28 anos, casada, com 1 filho, LP; pai com 4.ª classe, serralheiro, mãe 10.º ano, escriturária.



Pesem estas dificuldades, o esforço dos pais foi compensado pela possibilidade dada aos filhos de uma vida sem grandes constrangimentos financeiros, onde o problema dos recursos básicos para uma vida condigna não esteve em causa.

Outra diferença fundamental, em relação aos entrevistados do perfil anterior, prende-se com os níveis de escolaridade atingidos. O nível de vida conquistado pelos pais permitiu que os filhos prosseguissem os estudos, atingindo, na sua maioria, um nível de escolaridade médio (12.º ano ou equivalente, à excepção de E7), desfasado, no entanto, das aspirações dos pais em relação aos filhos, cuja meta seria alcançarem estudos superiores. Contudo, a opção por uma vida familiar própria (saída de casa dos pais por motivo de casamento) numa idade bastante precoce e o nascimento dos filhos obstam a que estas aspirações sejam concretizadas.

O nível médio de escolaridade atingido, no contexto do actual mercado de trabalho com exigências mais elevadas em termos de qualificações escolares, implicou, sobretudo para os entrevistados mais novos, uma trajectória profissional complexa, com várias e diversificadas experiências profissionais, muitas vezes sem a desejada estabilidade profissional e financeira e o desempenho de profissões pouco exigentes em termos de qualificações. A principal consequência deste percurso reflecte-se no tipo de atitude em relação ao trabalho, na sua importância como dimensão contribuinte para a qualidade de vida e no grau de realização profissional e pessoal que pode proporcionar. Para a maioria dos entrevistados deste perfil, o trabalho não é visto apenas como meio de obtenção de rendimentos mas como potencial dimensão de realização pessoal. Contudo, o tipo de qualificações escolares alcançadas, sobretudo no caso dos mais novos, impedem uma realização maior pelo trabalho e algum desfaseamento em relação às aspirações quanto à vida profissional enquanto, no grupo etário mais elevado (E11 e E22), a estabilidade e o estatuto profissional obtidos concorrem quer para uma maior valorização do trabalho, quer para a sua conversão numa dimensão de realização pessoal.

### **Uma noção de qualidade de vida centrada nas esferas da vida privada como fonte de bem-estar pessoal**

Uma situação financeira estável, fruto de um percurso profissional complexo, mas que confere, hoje, algumas garantias de estabilidade, uma fase

do ciclo de vida familiar sedimentada (todos os entrevistados deste perfil têm filhos e dois já em idade adulta) e uma trajectória residencial da qual estiveram ausentes problemas habitacionais, fazem destes entrevistados sujeitos que centram a sua noção de qualidade de vida nas dimensões mais privadas da vida, precisamente, a vida familiar e a habitação não já enquanto conquista de boas condições de habitabilidade mas com exigências em termos de condições de conforto, privacidade e satisfação pessoal; e o trabalho, quer enquanto garantia de estabilidade financeira (dimensão avaliada sempre como contribuinte para a qualidade de vida,) quer enquanto realização pessoal. Neste sentido, as referências aos recursos financeiros como condição de qualidade de vida, sempre presentes, são feitas não no sentido de assegurar a satisfação das necessidades básicas, como nos entrevistados do perfil anterior, mas para assegurar um certo nível de conforto e bem-estar pessoal e familiar:

*“Qualidade de vida é uma pessoa sentir-se bem a nível profissional, a nível pessoal. Acho que ter uma casa para viver, eu quando falo numa vivenda já estou a sonhar, tomara muita gente ter uma casa para viver. Eu gosto de ter a minha casa, de conseguir ter dinheiro para pagar as minhas despesas e dar um futuro melhor ao meu filho. Mas nunca trabalhar de mais e faltar ao meu filho o que me faltou a mim, a nível de atenção, que é uma das coisas que penso que uma pessoa quando mete um filho cá, nós temos de viver, mas principalmente para eles, para lhes darmos tempo, acho que é isso.”*

*“Sim (é fundamental a parte familiar), porque se a família não estiver bem, e quem me rodeia, eu não consigo estar bem, de maneira alguma.”*

E7, 9.º ano, contabilista, 28, casada, 1 filho.

*“Não, sempre pensei primeiro no sector da família, e pronto, da estabilidade em casa, a minha família, o meu marido, o meu filho, e mesmo os meus pais, os meus sogros, as pessoas mais chegadas. Em relação ao trabalho também penso bastante em ter um trabalho que eu goste, pelo menos um pouquinho, porque estar a trabalhar sem gosto, não consigo.”*

E8, 12.º ano, tesoureira, 12.º ano, 25 anos, 1 filho

Como no perfil anterior, estando a noção de qualidade de vida associada às esferas mais privadas da vida, contém, no seu reverso, uma desvalorização das condições do quadro de vida (Quadro 3). Ou seja, das dimensões de “habitabilidade” na referência a exigências, quer de boas condições de mobilidade ou acesso a equipamentos e serviços, quer de qualidade ambiental e urbanística ou do contexto social. Esta desvalorização é tanto mais surpreendente quanto estes entrevistados residem nas periferias e se deslocam diariamente para Lisboa. Por outro lado, constituindo a maioria agregados familiares jovens com filhos pequenos e, por isso, com supostas exigências em termos de acessibilidade a equipamentos, pareceria lógica uma valorização destas dimensões, fosse pela positiva, enquanto condições satisfeitas, ou pela negativa, enquanto deficiências do quadro de vida onde se inserem.

Pese esta desvalorização mais generalizada das componentes de “*Liveability*”, uma diferença fundamental separa os entrevistados deste perfil dos

anteriores. Enquanto no perfil anterior, encontrávamos uma concepção de qualidade de vida estritamente associada aos recursos que permitem fazer face às necessidades básicas, neste, valorizando-se também as componentes mais relacionadas com os recursos individuais, são perspectivados enquanto geradores de resultados/objectivos de vida, isto é, de uma apreciação da vida centrada num sentimento de realização/bem-estar pessoal, familiar e profissional (Quadro 3). Este sentimento de realização provém das dimensões referidas, centradas na vida privada: realização pela família, pela habitação e, em parte, pelo trabalho.

Do ponto de vista da grelha de Allardt, continuamos no registo das dimensões mais próximas do *Having*, mas enfatizando agora as componentes de pertença (*Loving*) pela via da importância conferida à família e, de certa forma, de *Being*, pela referência a dimensões de realização pessoal/profissional, totalmente ausentes do perfil anterior (Cfr. Quadro 4).

**Quadro 3** – Significado de qualidade de vida (grelha Veenhoven): Perfil 2

RECURSOS (“ <i>Life Chances</i> ”)			RESULTADOS (“ <i>Life results</i> ”)		
DO PRÓPRIO (“ <i>Life-ability</i> ”)	Recursos financeiros	E7; E8; E11; E22[1]	APRECIÇÃO DA VIDA	Ter tempo/desfrutar da família	E7; E8; E11; E19; E20
	Saúde	E8; E11; E20; E22		Ter tempo/estar com os amigos	
	Ter casa com boas condições de habitabilidade	E7; E19; E20; E22		Lazer	
	Ter emprego estável	E7; E8; E20		Realização/satisfação profissional	E7; E8; E11
	Nível de educação/cultura			Realização/satisfação pessoal	
	Ter família	E7; E8; E19; E20; E22			E7; E8; E11
DO MEIO ENVOLVENTE (“ <i>Liveability</i> ”)	Boas condições de mobilidade/Acesso a equipamentos e serviços	E20	UTILIDADE DA VIDA	Sentir-se útil para os outros	
	Viver num sítio ambientalmente agradável (espaços verdes, tranquilidade, qualidade paisagística)	E20; E22			
	Viver num contexto socialmente gratificante (proximidade a familiares, boas relações de vizinhança)	E20		Participação em actividades comunitárias	
	Ter acesso à educação/cultura				

Fonte: adaptado de Veenhoven (2000)

[1] As entrevistas assinaladas a cor-de-rosa correspondem ao perfil “Móvel Periférico”.

#### Quadro 4 – Significado de Qualidade de Vida (grelha Allardt): Perfil 2

HAVING	
Condições materiais	E7; E8; E11; E22
Saúde	E8; E11; E20; E22
Casa com boas condições de habitabilidade	E7; E19; E22
Emprego (estável)	E7; E8
Bom nível de educação/cultura	
Viver em boas condições ambientais	E19; E20
Boas condições de mobilidade / acesso a equipamentos e serviços	E20
LOVING	
Família (estabilidade familiar; tempo para dedicar à família; proximidade de familiares)	E7; E8; E19; E22
Amigos (ter amigos e tempo para estar com eles)	
Boas relações de vizinhança	E20
BEING	
Realização profissional	E7; E11; E22
Bem-estar pessoal/realização pessoal	E7; E8; E11
Tempo para o lazer/recreação pessoal	
Participação em actividades comunitárias	

Fonte: adaptado de Allardt (1993)

#### A satisfação com a qualidade de vida

A concretização das aspirações e das expectativas em relação aos domínios referidos, de realização pela família, pela habitação e, parcialmente, pelo trabalho, uma avaliação positiva do percurso de vida e, porventura, uma ausência de perspectivas em termos de alteração significativa das condições e da qualidade de vida num futuro mais ou menos próximo, levam os entrevistados deste perfil a avaliarem positivamente a sua qualidade de vida e a manifestarem sentimentos de satisfação perante a situação actual.

Em geral, estes sujeitos fazem uma avaliação positiva do seu percurso de vida, ao que associam a melhoria da qualidade de vida conquistada, assente numa evolução positiva das dimensões relativas à esfera familiar, à estabilidade profissional e financeira e, em alguns casos, à conquista de melhores condições habitacionais:

*“Pronto, nós temos momentos melhores, outros piores, mas vou melhorando, estou a melhorar. Primeiro porque estou a fazer uma coisa que gosto, a firma onde trabalho, graças a Deus, está a ter mais clientes, estamos a ter mais lucros e a poucos e poucos vou conseguindo. Por exemplo, a casa onde vivi era pior, consegui vir para outra*

*melhor, tinha um carro pior, consegui ter um outro melhor. Acho que aos poucos consegui.”*

E7, 9.º ano, contabilista, 28, casada, 1 filho.

*“Sim, sim, sim tenho qualidade de vida. Também não digo “Ah, estou tão mal”, não, não digo, até à data.”*

*“Sim, há aquelas fases em que parece que está tudo a correr mal, pronto. E há fases..., mas tem havido uma progressão. O meu filho ter nascido já é uma progressão, mais uma pessoa. A família cresce, o trabalho está mais ou menos estável, isso já é bom para os dias que correm. Olho para a frente com um aspecto positivo.”*

E8, 12.º ano, tesoureira, 12.º ano, 25 anos, 1 filho.

Além de as comparações temporais contribuírem de forma positiva para a avaliação actual da qualidade de vida, as limitações interiorizadas em termos de aspirações e expectativas ao longo do percurso de vida, e em relação ao futuro, acentuam o sentimento de satisfação com as condições conquistadas, num processo que claramente separa a realidade da dimensão do sonho<sup>11</sup>.

Algumas comparações sociais, no registo do que salientámos para o perfil anterior, ajudam, também aqui, a explicar determinados comportamentos adaptativos geradores de avaliações positivas, dado estas comparações serem feitas de forma a evidenciar a situação pessoal como vantajosa:

*“Quer dizer, quero sempre mais. Isto é como as casas. Ambicioso sempre mais. Mas dentro daquilo que eu vejo. E, daquilo que me rodeia, não me posso queixar. Sinceramente”.*

E11, chefe de secção de recursos humanos, 49 anos, casada, com filhos adultos.

#### Perfil 3 – O modo de vida paradoxal: compatibilizar o trabalho e o lazer

Os entrevistados deste perfil pertencem a um grupo socioeconómico que já adquiriu recursos e

<sup>11</sup> Diga-se que este tipo de satisfação, pela limitação de aspirações e expectativas futuras, é especialmente evidente no caso dos entrevistados pertencentes ao escalão etário mais elevado cujo percurso de vida cerceou de forma mais marcante as aspirações e expectativas.

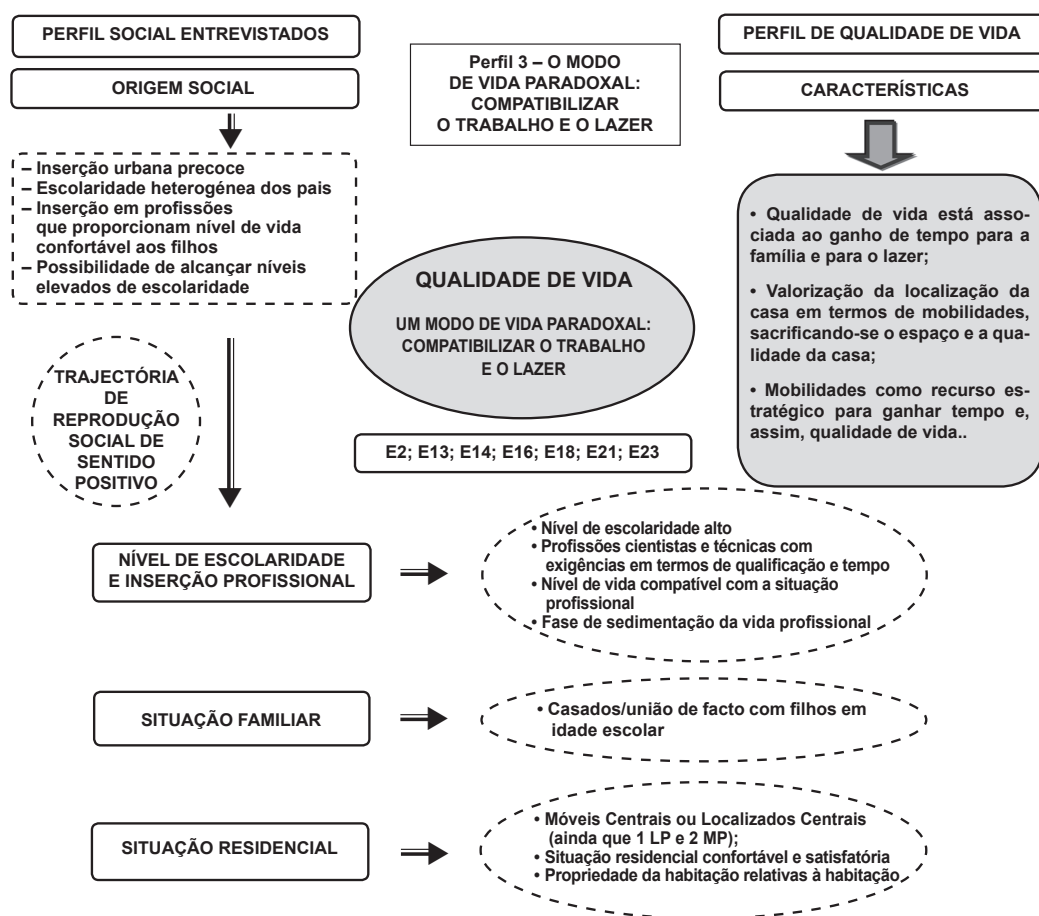
capacidades pessoais susceptíveis de produzirem resultados e dimensões de qualidade de vida já asseguradas: boa situação profissional, capaz de gerar recursos financeiros compatíveis com o nível de vida desejado e sentimentos de realização profissional, um contexto familiar estável e uma boa situação residencial. O significado da qualidade de vida passa a estar associado à conquista do ainda não satisfeito, acabando por se traduzir na aspiração a um modo de vida que poderíamos designar de *paradoxal*, isto é, que compatibilize as exigências do trabalho, como garantia da necessária realização profissional (enquanto componente fundamental de satisfação pessoal), e o tempo livre para o lazer. Neste sentido, a qualidade de vida aparece associada àquilo que potencialmente a incrementa e que representa uma dimensão ainda não satisfeita:

o tempo, quer para si (lazer; auto-valorização pessoal, profissional e cultural), quer para dedicar à família.

Neste sentido, um incremento na qualidade de vida pressupõe um ganho de tempo para a família e para o lazer, dirigindo-se o investimento pessoal para a conquista de condições que possam minorar este défice. Algumas dimensões são, assim, consideradas estratégicas para a qualidade de vida:

- a facilidade nas mobilidades, como recurso estratégico para ganhar tempo e, assim, qualidade de vida;
- a valorização da localização da casa em termos de melhoria das mobilidades (menor tempo de deslocação casa-trabalho) e de acesso a equipamentos e serviços indispensáveis à vida familiar, sacrificando-se, muitas vezes, o espaço e a qualidade da casa.

**Figura. 3** - Representações de qualidade de vida: Perfil 3



### Uma trajetória de ascensão social, embora dando continuidade aos recursos e aspirações dos pais

O grupo de entrevistados deste perfil tem uma origem social mais heterogênea que qualquer dos anteriores, possuindo os pais níveis de escolaridade bastante diferentes<sup>12</sup>. Duas particularidades aproximam estes entrevistados e influenciam decisivamente a sua trajetória individual: os recursos financeiros com o correspondente nível de vida proporcionado pelo contexto familiar de origem, de onde estiveram ausentes dificuldades impeditivas do prosseguimento dos estudos dos filhos, e o tipo de investimento e incentivo à escolaridade que os filhos acabam por concretizar, tendo todos obtido formação superior:

*“Penso que era razoável (nível de vida dos pais). Não era nada por aí além, a minha mãe nunca fez muita clínica na privada, onde conseguem ganhar muito dinheiro, a minha mãe só fazia clínica no Hospital de Santa Maria, nunca ganhou assim muito dinheiro. Mas eram profissões razoáveis, sou filho único.”*

E2, informático, 35 anos, casado, com filhos, LC; pai militar e mãe médica.

*“(...) Sempre tive de tudo, sobretudo dentro do razoável. Nunca fui de pedir muita coisa, nem nada. Sempre comi bem, sempre me lembro de ir para festas com os meus pais todos os fins-de-semana. Sentia-me bem. Não sei se era um nível de vida alto, agora que vivia bem... Podia até nem ter muito dinheiro, mas nunca me faltou nada.”*

E14, designer de interiores, 32 anos, casada, com filhos, MC; pai com 5.º ano, proprietário de uma loja de mobiliário, mãe com 4.ª classe a trabalhar numa loja de roupa.

A heterogeneidade, em termos da origem social destes entrevistados, foi, de algum modo, uniformizada pela trajetória escolar, tendo todos, num percurso mais ou menos linear, correspondido

às “exigências” e aspirações dos pais em termos de formação escolar. O nível de formação obtido possibilitou a inserção em carreiras de elevadas qualificações, em muitos casos, de ascensão rápida, com rendimentos compatíveis, permitindo, em fases relativamente precoces do percurso de vida, satisfazer dimensões importantes da vida: constituição de um agregado familiar autónomo<sup>13</sup>, conquista de uma boa situação residencial, uma inserção profissional que permite encarar o trabalho não um meio de sobrevivência, mas uma dimensão fundamental de realização pessoal, com elevadas exigências em termos de tempo, da necessidade de formação contínua e de valorização pessoal, o que se traduz num grande investimento nesta dimensão:

*“Estou, gosto muito do que faço. Desde que estivesse ligada ao campo da saúde... gosto muito do que faço. Não quero com isto dizer que se não tiver oportunidade (porque não está fora dos meus planos) de continuar, provavelmente mais cedo do que pensava... portanto, eu formei-me, depois fiz uma pós-graduação de 2 anos em Ortodôncia (mas eu devo ter realmente uma tara para os estudos) e nunca ficou fora de questão concorrer a Medicina por outra via, pelo reingresso, uma vez que tinha a equivalência dos 3 primeiros anos para mim era muito mais fácil porque só tinha de fazer os outros 3 anos.”*

E16, médica.

*“Eu acho..., eu acho que as pessoas nunca são... pelo menos no meu caso. Eu não consigo andar para trás, tenho 31 anos, se estiver realizado agora... Eu diria o seguinte: eu diria que todos os meus objectivos, que estabeleci na minha inocência, após terminar o curso, estão atingidos. Por isso é estabelecer novos patamares, novos desafios, mudar de área de negócio, se calhar daqui a um tempo mudo. (...) A verdade é que muito antes do que estava previsto e daí ter dito que tive sorte de apanhar os acontecimentos todos, os meus objectivos, logo que comecei a trabalhar, foram atingidos rapidamente, é um facto.”*

E21, gestor.

<sup>12</sup> Desde uma escolaridade alta (casos de E2 e E21 com pais com escolaridade superior) até uma escolaridade baixa (E13, E14, E18 cujos pais atingiram a 4.ª classe ou, no máximo, o antigo 5.º ano), passando por um nível de escolaridade médio (E16 e E23).

<sup>13</sup> Apesar destes entrevistados se inserirem em escalões etários relativamente baixos, todos estão em plena fase de sedimentação da vida familiar com filhos em idade pré-escolar ou escolar.



### Qualidade de vida: a importância das mobilidades – ganhar tempo para a família e para o lazer

A trajectória dos entrevistados deste perfil proporciona, como vimos, recursos pessoais susceptíveis de satisfazer dimensões fundamentais da vida: uma boa situação financeira, condições residenciais que asseguram conforto, segurança e bem-estar e a inserção em carreiras profissionais que proporcionam, além dos recursos financeiros, a necessária satisfação pelo trabalho. Acrescente-se a fase do ciclo de vida familiar que, implicando disponibilidade de tempo exigida pela idade dos filhos, confere também estabilidade afectiva e sentimentos de bem-estar pessoal. Desta forma, representam dimensões satisfeitas e, quando associadas ao significado de qualidade de vida, aparecem como dimensões importantes mas, de alguma forma, já realizadas, permitindo reorientar os recursos para a satisfação de outras dimensões como a cultura ou a realização pessoal:

*“...A qualidade de vida é, para mim, basicamente as condições que uma pessoa tem para trabalhar, para viver, para estar, etc. São um bocado difíceis de medir. É a tal questão de serem muito subjectivas (...) Basicamente consigo..., um emprego tem de se ter, consigo ter um emprego em que consigo ser feliz, ou melhor, em que consigo não ser totalmente infeliz (risos). Tenho dinheiro suficiente para as coisas que gosto de fazer. Gosto de livros, CD's, filmes, etc., isso é importante, e só com dinheiro se consegue ter isso. Tenho uma família, o que é importante. Basicamente são as coisas que considero que contribuem para a minha qualidade de vida. E tenho saúde, é importante.”*

E2, informático, 35 anos, casado, com filhos, LC.

*“...Hoje, que tenho uma habitação, não é um objectivo de vida. E também não é para mim um objectivo fundamental ter uma vivenda. É evidente que era uma melhoria na minha opinião, mas não é o objectivo fundamental, há outras prioridades, outras prioridades que entretanto foram nascendo. Do ponto de vista da habitação penso que estou servido, razoavelmente bem servido, portanto aposto noutras vertentes,*

*como seja a cultura, a educação, espectáculos, viagens... Há outras prioridades que entretanto nascem... nem são tanto prioridades, por vezes acabam por ser meras opções... mas se amanhã surgir uma viagem que eu ache interessante, ou um livro, ou um curso, eu opto por esse curso, por essa viagem, em detrimento, se calhar, de uma poupança para comprar a tal vivenda. Lá está a mudança das prioridades: a visão que se tinha há 10 anos não é a mesma que se tem agora, de certeza absoluta! (...) ter condições para se enriquecer culturalmente – já não falo em termos básicos, aquilo que é a educação básica de todo e qualquer ser humano, é ter condições depois também para poder evoluir na sua vida, seja ela profissional, seja ela familiar, seja ela social e até outros aspectos.”*

E13, chefe de divisão do Estado-Maior das Forças Armadas, casado, com filhos, LP.

Por outro lado, o tipo de profissões exercido, com grandes exigências em termos de disponibilidade de tempo, faz deste recurso o bem mais escasso e mais valorizado. Neste sentido, a noção de qualidade de vida passa a centrar-se numa dimensão não satisfeita: o tempo, quer para si (lazer, auto-valorização pessoal/profissional e cultural,) quer para dedicar à família. As estratégias orientam-se para a organização de recursos que possam minorar os efeitos deste constrangimento: melhoria das mobilidades casa-trabalho, boas acessibilidade aos equipamentos e serviços de apoio à vida familiar:

*“Não... olhe: qualidade de vida era poder ter um horário para mim... o horário que muita gente tem e que eu não tenho: era poder desfrutar da minha filhota, porque eu acho que desfruto pouco, era poder ter uma ginástica, poder ter tudo o que as pessoas normais têm e que eu às vezes não tenho porque não tenho tempo. Portanto, para mim, qualidade de vida era ganhar tempo, basicamente, e daí a vinda para Lisboa, porque ganhei tempo! Ganhei muito tempo!”*

E16, médica, 28 anos, casada, com filhos, MC.

*“(...) eu gosto muito de fazer desporto, não consigo fazer um ginásio, e não é por preguiça, é porque estou 14 horas fora de casa. Tenho uma*



*passadeira em casa que a minha mulher me ofereceu e aí já consigo fazer. Chego a casa às 9 da noite, fazer o quê? Ir para o ginásio. A qualidade de vida mede-se nisso, na falta de tempo, dado que tenho o resto, tenho uma boa casa, uma boa família, o bem mais escasso é o tempo disponível para estar com a minha família.”*

E21, gestor, 31 anos, casado,  
com filhos, MP

Neste objectivo de “ganho de tempo”, a casa é um factor extremamente valorizado não tanto pela dimensão, pela qualidade ou pelo “standing”, mas pela localização, recurso estratégico para diminuir os custos de tempo nas deslocações casa-trabalho e no acesso a equipamentos e serviços e, assim, factor contribuinte para o incremento da qualidade de vida. Esta valorização localização da casa é especialmente evidente nos “*Móveis Centrais*”, para quem a mudança de casa da periferia para Lisboa está associada a um acréscimo de qualidade de vida pelo ganho de tempo:

*“A determinada altura comecei a equacionar com o meu marido porque é que nós ainda vivíamos daquele lado? Tínhamos tudo aqui em Lisboa... Entretanto, o meu marido também saiu da firma dos meus pais e também estava (e está) a trabalhar ali para os lados de Alverca, para o Porto Alto. E eu perguntava: “Mas porque é que nós continuamos aqui? Porque é que não nos mudamos para Lisboa? Estávamos no centro de tudo, estávamos mais perto dos empregos, não tínhamos aquela situação da ponte...” Eu já nem podia ver a ponte, eram 9 anos de ponte! E o meu marido dizia-me: “Mas aqui temos o ar puro, temos os pinheiros...” E é verdade: tínhamos uma qualidade de vida impecável porque no sítio onde estávamos tínhamos, mas era uma qualidade de vida para o fim-de-semana! E eu dizia-lhe que: “Eu, nos fins-de-semana, às vezes, ainda por cima, trabalho! Quer dizer, mal desfruto! Chego aqui às 8 da noite e não vou desfrutar à noite os pinheiros, o andar na rua... Chego à noite e tenho de jantar, tenho de dar banho à Beatriz...” Portanto, é complicado e começou-se a pôr fora de questão. Eu dizia-lhe: “Quero uma qualidade de vida diária, se eu ganhar 1 hora de caminho para lá e para cá,*

*já estou a ganhar muito, ao final de 1 semana já ganhei muito tempo! E para não falar do fim-de-semana, que estamos perto de tudo e de toda a gente!”*

E16, médica, 28 anos, casada, com filhos,  
MC, habitava numa vivenda em Belverde.

*“Mudei de casa porque houve contingências que me fizeram mudar, vir a mudar de casa, parcialmente a família, parcialmente o tempo que eu demorava a chegar e a sair, que era uma coisa..., e agora vejo que ganhei 2 horas por dia na minha vida, que é uma coisa importante...”*

E18, médico, 44 anos, casado,  
com filhos, MC, habitava em Massamá,  
mudou-se para Telheiras.

Está também presente nos “*Localizados Centrais*” que associam esta dimensão ao significado de qualidade de vida e nos “*Móveis Periféricos*” quando acusam a mudança de local de residência para a periferia como perda de qualidade de vida:

*“O meu local de trabalho é em Lisboa (...) Para mim, isso é fundamental (ter uma casa relativamente perto)... Aliás, eu nunca..., mesmo quando andei à procura de emprego, eu nunca aceitaria que fosse longe de casa”*

E2, informático, 35 anos, casado,  
com filhos, LC.

*“Mas a ida não tanto, mas o regresso é um bocadinho massacrante, estou a sair do escritório às 8 e estou a chegar a casa às 9 da noite, não vejo os meus filhos, estou meia hora com eles. A Migalha faz tudo para eu chegar a casa e estarem com o jantar tomado, e o pijama vestido, para estarem a brincar um bocadinho comigo. Mas é uma perda de qualidade de vida, eu chego a estar 13 e 14 horas fora de casa e isso não é qualidade de vida.”*

E21, gestor, 31 anos, casado, com filhos, MP  
mudou-se de Lisboa para o condomínio Belas  
Clube de Campo.

A noção de qualidade de vida interiorizada pelos entrevistados deste perfil, não sendo tão

autocentrada ou estando satisfeitas dimensões mais materiais de recursos pessoais, permite que as exigências em termos de qualidade de vida se orientem para a valorização das dimensões pessoais mais imateriais, como a necessidade de cultivação pessoal, de acesso à educação e ao lazer cultural. Por outro lado, traduz maiores exigências em termos dos recursos do meio envolvente e, assim, das condições de “liveability”. Se quisermos seguir a tipologia proposta por Veenhoven, (Cfr. Quadro 5), reparamos numa concentração maior de referências nos domínios praticamente ausentes das representações de qualidade de vida nos perfis anteriores: a importância da dimensão de valorização pessoal, quer pelo investimento na carreira profissional, quer pelo tempo de lazer dedicado à cultivação pessoal; a importância conferida às boas condições de mobilidade como estratégia na diminuição dos custos de tempo nas deslocações quotidiana; a valorização de uma boa oferta ou capacidade de acesso a equipamentos e serviços no local de residência; a ênfase na possibilidade de viver num espaço ambientalmente agradável e urbanisticamente qualificado, onde se possam estabelecer relações de identidade pessoal e social:

“... Portanto, se quiser, eu começaria pela minha valorização pessoal<sup>14</sup>, quer do ponto de vista profissional, quer do ponto de vista intelectual: fazer cursos, ter mais tempo, mais disponibilidade para me cultivar (entre outras). Ter oportunidade (e “oportunidade” aqui não passa apenas pelos aspectos económico-financeiros), ter oportunidade de me valorizar no sentido de participar mais activamente quer na vida em sociedade, quer na vida política até, quer na vida familiar.”

E13, chefe de divisão do Estado-Maior das Forças Armadas, casado, com filhos, LP.

“A residência acaba por ser um dos factores que incidirão numa hipotética definição de qualidade de vida, e na minha qualidade de vida também, obviamente! Para mim qualidade de vida, tentando evitar cair num lugar comum é, desde logo, ter um bom ambiente. E quando falo em ambiente falo em termos ambientais:

*qualidade de vida significa viver numa zona despoluída, quer do ponto de vista da poluição atmosférica, quer da poluição sonora; uma área onde residam pessoas em número razoável, e não superpovoada (considero que haverá menos qualidade de vida quanto mais povoada for aquela zona)... (...) Qualidade de vida será também residir numa área urbana (genericamente falando) onde tenha um conjunto de infra-estruturas que suportem as suas necessidades básicas, as suas necessidades essenciais, desde a saúde até à educação, passando pelos aspectos religiosos, se quiserem, os aspectos sociais e outros aspectos.”*

Idem.

Do ponto de vista da grelha proposta por Allardt (Cfr. Quadro 6), os resultados desta análise são congruentes com a teoria de que, satisfeitas dimensões mais elementares e materiais, a construção de necessidades e respectivas exigências tendem a situar-se em campos mais imateriais, nomeadamente necessidades de pertença, de desenvolvimento de identidades pessoais e sociais, de valorização pessoal, de integração, enraizamento e participação em termos dos locais de vivência quotidiana. Daí, referências em maior número a dimensões menos valorizadas nos perfis anteriores, mesmo se incluídas na dimensão “having”: ênfase na situação residencial como factor de bem-estar, na importância da valorização pessoal através da educação e cultura, no habitar de locais ambiental e urbanisticamente qualificados. Mas contrastantemente com os perfis anteriores, “sobrecarregam-se” as componentes de “being”, traduzindo necessidades mais imateriais, de desenvolvimento, realização, auto-recreação e bem-estar pessoal.

Estranha-se, no entanto, a ausência de referências na dimensão “Loving”, a necessidades como o relacionamento com amigos ou com os vizinhos no domínio de um lazer mais exterior ao restrito registo individual e familiar, bem como a ausência de envolvimento e participação em actividades mais comunitárias, não enfatizadas enquanto dimensão satisfeita nem a satisfazer<sup>15</sup>.

<sup>14</sup> Refere-se aos factores/domínios que mais contribuem para a sua qualidade de vida.

<sup>15</sup> À excepção de E13, para quem esse nível de participação mais societária seria uma dimensão importante para a qualidade de vida pessoal, caso dispusesse do tempo necessário para tal.

**Quadro 5** – Significado de qualidade de vida (grelha Veenhoven): Perfil 3

RECURSOS (“Life Chances”)			RESULTADOS (“Life results”)		
DO PRÓPRIO (“Life-ability”)	Recursos financeiros (boa situação financeira)	E13; E16; E21; E23	APRECIÇÃO DA VIDA	Ter tempo/desfrutar da família	E2; E13; E14; E16; E18; E21
	Saúde			Ter tempo/estar com os amigos	
	Boa situação residencial	E13; E14; E16 [1]; E21		Lazer (desporto, cultural e recreativo)	E14; E16; E18; E21
	Ter emprego estável (boa situação profissional)	E2; E13; E16; E18		Realização/satisfação profissional	E2; E13; E16; E18; E21; E23
	Bom nível de educação/cultura	E2; E13		Realização/satisfação pessoal	E2; E13; E14; E16; E18; E21
	Ter família (estabilidade familiar)	E2; E13; E18; E21			
DO MEIO ENVOLVENTE (“Liveability”)	Boas condições de mobilidade/Acesso a equipamentos e serviços	E2; E13; E14; E16; E18; E21; E23	UTILIDADE DA VIDA	Sentir-se útil para os outros	
	Viver num sítio ambientalmente agradável (espaços verdes, tranquilidade, qualidade paisagística)	E13; E14; E21; E23			
	Viver num contexto socialmente gratificante (proximidade a familiares, boas relações de vizinhança)	E2; E13; E14; E23		Participação em actividades comunitárias	E13
	Ter acesso à educação/cultura	E2; E13			

Fonte: adaptado de Veenhoven (2000)

[1] As entrevistas assinaladas a verde correspondem ao perfil “Móvel Central”.

**Quadro 6** – Significado de Qualidade de Vida (grelha Allardt): Perfil 3

HAVING	
Condições materiais	E13; E16; E21; E23
Saúde	
Casa com boas condições de habitabilidade (boa situação residencial)	E13; E14; E21
Emprego (estável, boa situação profissional)	E2; E13, E16
Bom nível de educação/cultura	E2; E13
Viver em boas condições ambientais	E13; E21
Boas condições de mobilidade / acesso a equipamentos e serviços	E13; E14; E16; E 18; E21
LOVING	
Família (estabilidade familiar; tempo para dedicar à família; proximidade de familiares)	E2; E13; E14; E16, E18; E21; E23
Amigos (ter amigos e tempo para estar com eles)	
Boas relações de vizinhança	
BEING	
Realização profissional	E2; E13; E16; E18; E21; E23
Bem-estar pessoal/realização pessoal	E2; E13; E14; E16; E18; E21
Tempo para o lazer/recreação pessoal	E13; E14; E16; E18; E21
Participação em actividades comunitárias	E13

Fonte: adaptado de Allardt (1993)

### A apreciação da qualidade de vida pessoal: a distinção entre nível de vida e qualidade de vida

Mais que em qualquer dos perfis anteriores, a avaliação da qualidade de vida pessoal, neste grupo, envolve processos comparativos e relacionais complexos e sempre mediatizados por patamares completamente distintos de aspirações, exigências e expectativas em relação ao que é e ao que deveria ser a sua qualidade de vida.

A satisfação de dimensões tão importantes como ter bons recursos económicos, residenciais, realização profissional e estabilidade familiar e afectiva, produz, de alguma maneira, uma avaliação positiva

em relação à qualidade de vida, sobretudo quando comparada com outros grupos socioeconómicos. Contudo, como vimos, a fase do ciclo de vida profissional (em sedimentação para a maioria destes entrevistados), as elevadas exigências profissionais em termos de qualificações, formação contínua e disponibilidade de tempo, a fase do ciclo de vida familiar (todos os entrevistados deste perfil têm filhos em idade escolar ou pré-escolar) também com grandes exigências de tempo, fazem subavaliar (no sentido de minorizar) os recursos conquistados e enfatizar, pela negativa, dimensões ainda não concretizadas como ter tempo para desfrutar da família, para o lazer e para a cultivação pessoal, acarretando, como consequência, um sentimento de

“empobrecimento pelo tempo” comprometedor da qualidade de vida:

*“Poder partilhar mais dessas vivências<sup>16</sup>. Isso significava maior disponibilidade da minha parte (o trabalho prende-nos muito, quer queiramos quer não, acabamos por ficar muito absorvidos pelo nosso trabalho). A falta de tempo condiciona-nos para adquirir aquilo que nós eventualmente almejaríamos: obviamente nós trabalhamos para auferir, para já por questões de prazer também (eu tenho prazer em trabalhar, se calhar não serão muitas as pessoas que têm prazer em trabalhar mas eu tenho, eu gosto daquilo que faço), mas obviamente para adquirir uma sustentação de vida, não é?”*

E13, chefe de divisão do Estado-Maior das Forças Armadas, casado, com filhos, LP

*“(…) Lá está, é o tempo! Eu acho que a minha qualidade de vida se define pelo tempo! Se tiver tempo (e dinheiro) tenho qualidade de vida, se não tiver, não tenho qualidade de vida. Tempo é dinheiro! Sem tempo... eu adorava fazer muita coisa que não consigo porque não tenho tempo. Eu adorava fazer ginástica mas não consigo porque não tenho tempo. (...) Depois tenho uma vida extremamente ocupada porque trabalho em muitos sítios e trabalho muito e precisava de mais tempo... se a minha semana tivesse 10 dias era maravilhoso!”*

Idem

Tal sentimento de “empobrecimento pelo tempo” produz, se orientarmos o nosso olhar pela matriz proposta por Zapf (1985), uma situação de “*dissonância cognitiva*”, traduzida pela posse de bons recursos pessoais e supostamente boas condições de vida e uma apreciação da vida não inteiramente positiva e convertida em sentimentos de satisfação e bem-estar. Desta forma, são os próprios entrevistados a marcarem, no seu discurso, uma distinção importante, presente em boa parte da literatura sobre qualidade de vida, entre *nível de vida*, que consideram assegurado, e *qualidade de vida*, não inteiramente assegurada, pela ausência do recurso mais escasso e mais apreciado – o tempo:

*“Voltamos à mesma história: comparativamente com o que se vive em Portugal, tenho uma qualidade de vida brutal. Comparativamente com o que eu quero de qualidade de vida, estes anos que têm sido de mudança profissional, de ascensões – a (minha mulher) costuma dizer que é uma chatice quando eu sou promovido! A minha qualidade de vida tem sido muito fraquinha durante a semana de trabalho. É feita com muitas horas de trabalho, comparativamente com o que se vive neste país. A minha qualidade de vida é para lá de boa, e se compararmos com a aflição que maior parte das pessoas usa, a minha qualidade de vida é brutal. Não a considero brutal, está longe de ser uma boa qualidade de vida, acho que para a minha qualidade de vida melhorar tinha de sair do escritório às 5, 5 e meia da tarde. Aí sim, manter o nível de remuneração, sair às 5, 5 e meia da tarde, dava-me mais 2 horas diárias, que me faz falta. Eu não considero que a minha qualidade de vida seja extraordinária, tenho uma boa qualidade de vida, acho que consigo assegurar algumas coisas importantes na minha família, como a segurança na saúde, uma série de coisas importantes, mas falta-me 2 ou 3 horas de vida por dia, e tenho de as ir buscar a algum lado.”*

E21, gestor, 31 anos, casado, com filhos, MP

Os resultados/objectivos de vida são, assim, julgados em função desta dissonância e as estratégias de gestão dos recursos pessoais reorientam-se em função da possibilidade de maior satisfação nas dimensões não realizadas. Repare-se como, para todos os entrevistados que compõem o grupo dos “*Móveis Centrais*”, a mudança para Lisboa, reduzindo o tempo das deslocações e facilitando as mobilidades quotidianas, significa um acréscimo de qualidade de vida e um patamar importante em relação ao qual essa qualidade é actualmente avaliada e medida. Contrariamente, os “*Móveis Periféricos*” acusam uma perda de qualidade de vida pelo agravamento das condições de mobilidade e de consumo de tempo.

<sup>16</sup> O entrevistado refere-se à possibilidade de ter mais tempo para se cultivar pessoal e intelectualmente e desfrutar mais da família.

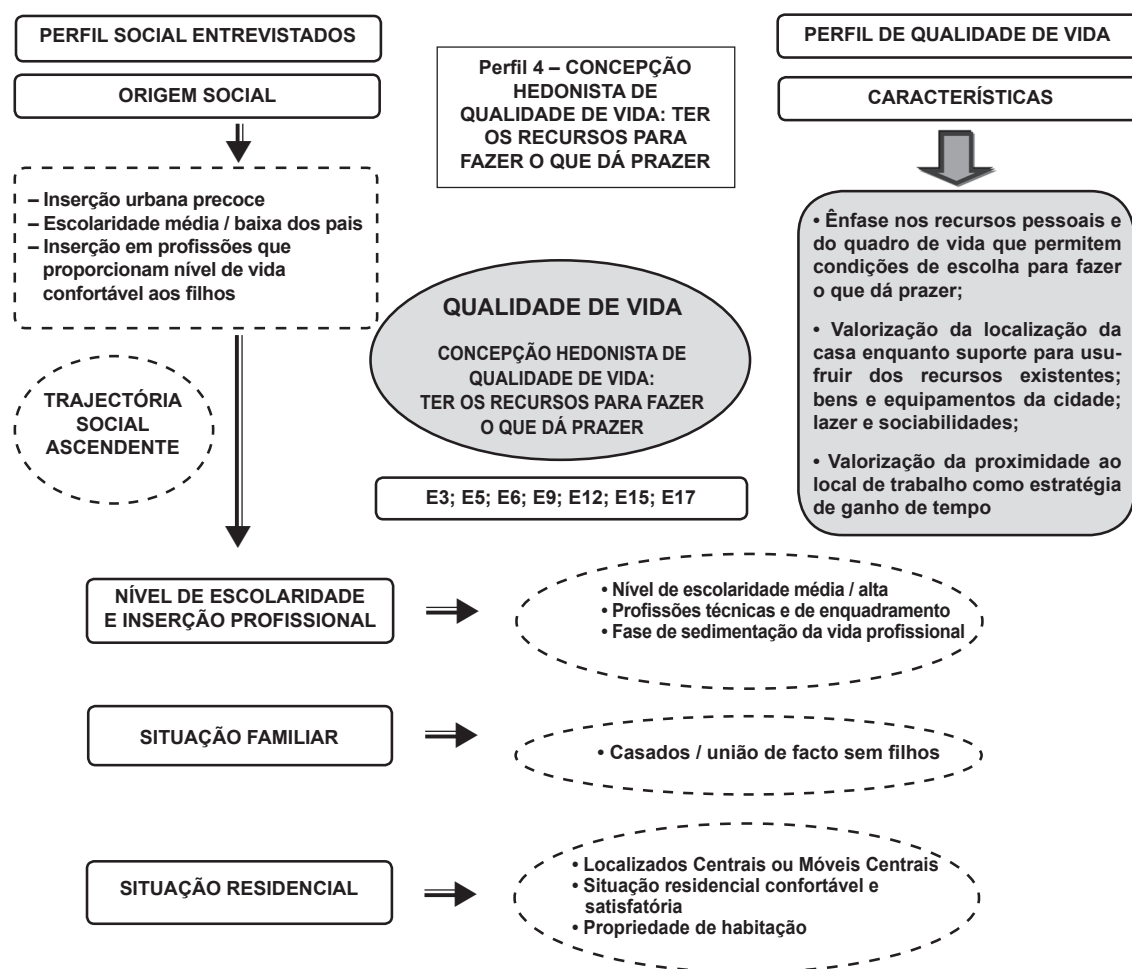
*Perfil 4 - Conceção hedonista de qualidade de vida: ter os recursos para fazer o que dá prazer*

Os entrevistados deste perfil demonstram uma concepção de qualidade de vida autocentrada, enfatizando as suas componentes mais hedónicas, sendo qualidade de vida sinónimo de ter ou organizar as capacidades para *fazer o que dá prazer*, traduzindo-se num lazer mais *solitário*, resultante do contacto e usufruto da natureza ou da realização *hobbies* de que proporcionam grande bem-estar pessoal, ou num lazer mais *societário*, assente na constituição de redes de sociabilidade com amigos e/ou familiares, ou ainda noutra mais *cultural e recreativo*, pela

utilização de recursos e equipamentos da cidade para a sua valorização/satisfação pessoal.

Valorizam-se, assim, os recursos que permitem alcançar este tipo de qualidade de vida: a localização da casa em termos de centralidade, de acesso aos equipamentos e serviços da cidade, de facilidade de deslocação para o local de trabalho e as mobilidades em geral como estratégia de ganho de tempo para usufruir dos momentos/espacos de lazer e recreação pessoal. A valorização destas dimensões pressupõe a concretização de outras, como os recursos financeiros, a necessária estabilidade profissional e uma situação residencial satisfatória nas componentes de conforto e bem-estar, referências quase ausentes das representações espontâneas de qualidade de vida destes entrevistados.

**Figura 4 – Representações de qualidade de vida: Perfil 4**





### Um perfil social *sui generis*: trajectória social ascendente, profissões menos exigentes e fase do ciclo de vida familiar ainda sem filhos

Como no perfil anterior, os entrevistados deste grupo têm uma origem social heterogénea, ainda que a escolaridade média dos pais seja, neste caso, mais baixa. À excepção de E3, cujos pais possuem escolaridade superior, os pais dos restantes entrevistados têm uma escolaridade tendencialmente baixa, ainda que inseridos em profissões que proporcionaram um percurso de vida ascendente com recursos suficientes para o prosseguimento dos estudos dos filhos. Neste sentido, podemos observar uma divisão entre entrevistados que sempre conheceram um nível de vida considerado satisfatório e outros que admitem uma trajectória ascendente, visível, nomeadamente, no percurso residencial:

*“...menos bom é mesmo agora em que sai da casa dos pais (estou a brincar), é sempre um período mais inseguro, mas foi sempre um bom nível, nunca me faltou nada.”*

E3, psicóloga, 29 anos, união de facto, sem filhos, LC; pais professores.

*“Os meus pais, um pouco pelo facto de terem tido dificuldades, de terem trabalhado bastante, os meus pais foram emigrantes no Brasil durante uns 3 anos, nos anos 50, 60. Foram emigrantes, na altura em que a maior parte das pessoas foram para França, tenho tios que foram para França e os meus pais foram para o Brasil, 3 anos, regressaram e recomeçaram cá a vida. (...) Foi uma vida um bocado de luta e de mudanças.”*

E9, farmacêutico, 27 anos, solteiro, LP; pais com 4.<sup>a</sup> classe, pai trabalhador dos CTT, mãe doméstica.

Pese uma uniformidade quanto às aspirações dos pais em relação aos filhos em matéria de prosseguimento de estudos enquanto meio de assegurar uma trajectória social e profissional ascendente, estas aspirações converteram-se em níveis distintos de escolaridade atingidos por estes entrevistados que

oscilam entre níveis médios (12.<sup>o</sup> ano, frequência universitária, bacharelato) e formação superior.

Apesar desta diversidade de condições sociais de origem e de níveis de escolaridade obtidos, duas características uniformizam este grupo. A primeira diz respeito à inserção<sup>17</sup> em carreiras não muito exigentes do ponto de vista de continuidade de formação e de investimento de tempo e dedicação pessoal, com consequências num menor sentimento de realização pelo trabalho e em alguns desfasamentos em relação às aspirações dos próprios quanto à vida profissional. A segunda é a fase de ciclo de vida familiar. À excepção de E6, de 39 anos, com filhos de um ano, nenhum dos outros entrevistados tem filhos no momento da realização das entrevistas, pese a diversidade de situações conjugais em que se encontram e de diferenças etárias. A conjugação destas duas “condições” produz consequências em termos das noções construídas de qualidade de vida.

### Qualidade de vida como posse dos recursos para fazer o que dá prazer

De todos os perfis até aqui apresentados, este é o que apresenta uma noção de qualidade de vida mais hedonista centrada nos recursos que possibilitam “fazer o que dá prazer”. Um dos recursos fundamentais ou não é referido ou é indirectamente, pois representa uma dimensão de alguma maneira satisfeita: os recursos financeiros. Outra variável que permite alimentar esta noção de qualidade de vida é, sem dúvida, a situação familiar em que a ausência de filhos possibilita orientar os meios e os objectivos em função da concretização desta concepção mais hedónica de qualidade de vida. Recorde-se que esta condição abrange indivíduos de grupos etários muito variados, podendo significar o adiamento de outros projectos familiares, nomeadamente ter filhos, em função do que se valoriza num modo de vida orientado pela gestão do tempo para proporcionar o que dá prazer.

Diga-se, no entanto, que os ingredientes incluídos neste sentimento de bem-estar pela realização daquilo que dá prazer apresentam algumas diferenças entre os entrevistados deste perfil. É possível distinguir entre um perfil mais *solitário*, mais auto-centrado nas actividades e nos tempos que

<sup>17</sup> À excepção de E3 e de E9.



representem um ganho de bem-estar pessoal, seja pelo contacto com a natureza, seja pela realização de “hobbies” pessoais, ou um lazer *mais societário* e de carácter mais sociabilizante que assenta na prioridade de relacionamento com amigos, ou ainda um terceiro associado ao usufruto dos equipamentos culturais e recreativos da cidade como condição de qualidade de vida:

*“A qualidade de vida é ter tempo, ter tempo para se fazer o que se gosta, para estar com os amigos, para sair, para ir ao cinema, para ouvir os telejornais, para viajar, para estabelecer relações afectivas com as outras pessoas, para ter disponibilidade mental para isso... para mim, isso é qualidade de vida. (...) Então... eu quando digo que “é ter tempo, é ter disponibilidade”, é partindo do princípio de que as necessidades básicas (básicas e residenciais) estão preenchidas, não é?”*

E6, socióloga, 39 anos, união de facto, com filhos, LC, residente na R. do Salitre.

*“Para mim qualidade de vida é também ter tempo para mim mesma, o que me apetece, ter tempo para ir dar um passeio, para ir correr, ver coisas bonitas, ver montras, sem ter chatices, no meio do trânsito, ter tempo por exemplo de ir ali ao Chiado, ir ver o que é que está ali no S. Carlos em cena, o que vai estar nos próximos meses. E, escusado será dizer, acordar às 8 da manhã e estar no trabalho às 9, porque eu antigamente acordava às 6 e meia e estava no trabalho às 9, agora acordo realmente mais tarde, consigo deitar-me mais tarde e acordar mais tarde, também. Ou seja, acordo e já vejo o sol, antigamente acordava de noite.”*

E15, 31 anos, secretária de direcção, bacharelato, casada, sem filhos, MC, residente na Ajuda.

*“...para a qualidade de vida, essa questão da casa e da localização da casa penso que tem bastante importância, é claro que passa pela parte económica, mas nomeadamente passa pelo sítio onde se está, pela localização e pela proximidade dos equipamentos, como tinha falado, passa por essas questões.”*

E17, arquitecto, 40 anos, casado, sem filhos, MC, residente no Alto do Lumiar.

Interiorizada esta noção de qualidade de vida, os recursos que se valorizam de forma a poder concretizá-la centram-se nas dimensões de **“live-ability”** (Cfr. Quadro 7) particularmente na valorização de boas condições de mobilidade e de acessibilidade a equipamentos e serviços como forma de redução dos custos de tempo que inviabilizariam ou comprometeriam o tempo necessário “para fazer o que dá prazer”. Neste sentido, a acessibilidade é, nuns casos, valorizada na dimensão de centralidade que permite estar perto de tudo com o menor custo de tempo possível (estão particularmente neste caso os que associam sobretudo qualidade de vida a usufruir da cidade, dos seus equipamentos de lazer e cultura); noutros, entendida como menor tempo de deslocação possível nas mobilidades quotidianas, dimensão valorizada como estratégia de ganho de tempo e, assim, de qualidade de vida:

*“...Mas a minha noção é eu não ter que estar 1h ou 2 a caminho do emprego. De regresso 1h ou 2 a caminho de casa. Decididamente está fora da minha ideia de qualidade de vida (...).”*

*“Eu também acho que não é a qualidade de vida absolutamente nenhuma viver em Sintra ou no Cacém ou em Queluz, e vir num comboio cheio de gente misturado no meio de 500 cheiros; (...) Que isso é qualidade de vida, seguramente não é. Nessas coisas sou realmente muito complicado. Não é qualidade de vida as pessoas estarem 1h para fazerem 6 kms. Não é as pessoas almoçarem um croquete porque senão não há tempo para fazer não sei o quê. Isso seguramente que é a coisa que me preocupa e que afecta a qualidade de vida das pessoas.”*

E5, assistente administrativo, 12.º ano, 42 anos, solteiro, LC, residente em Benfica

*“Porque eu não sentiria qualidade de vida absolutamente nenhuma se não morasse no sítio onde moro, estão a perceber? Portanto, para mim a qualidade de vida liga-se, primordialmente à habitação, se é isso que querem saber, é mesmo isso! E eu, quando penso na minha vida, penso que a qualidade de vida... (...). Pronto, se quiserem, qualidade de vida, para mim, é sair de casa (eu vou repetir isto daqui a nada...), mas é sair de casa e estar no Chiado em dois minutos a beber um café na Brasileira; é ir ao cinema*

*aqui ao S. Jorge, nas traseiras da minha casa; é não perder tempo absolutamente nenhum em transportes, nem perco tempo em transportes! Nada!”*

E6, socióloga, 39 anos, união de facto, com filhos, LC, residente na R. do Salitre.

Esta valorização do tempo como ganho de qualidade de vida implica, como no perfil anterior, uma consciência de que a localização da casa é um factor determinante na qualidade de vida, apesar de, neste caso, a valorização estar associada ao ganho de tempo para o lazer. A ênfase colocada na importância da localização da casa é geral mas especialmente enfatizada por aqueles que sofreram um processo de mobilidade da periferia para Lisboa à procura dos ingredientes que compõem a sua qualidade de vida (“*Móveis Centrais*”):

*“Ora bem, eu chegava a casa à noite, mesmo à noite, às vezes continuo a chegar casa à noite mas saio do emprego muito mais tarde. Lá tinha de sair mais cedo, por vezes, por causa do trânsito, e chegava a casa de noite. Depois lá..., não tinha tempo para grande coisa, tinha tempo para fazer o jantar, mais qualquer coisa, ir para a cama, porque tinha de acordar muito cedo. (...) E basicamente era o que eu fazia, muito cedo, era ter de acordar cedo, para trabalhar, e a pessoa começa logo a imaginar o stress ao pequeno-almoço, os carros à porta, porque eu apanhava trânsito mesmo à porta de casa.”*

E15, Móvel Central, vivia no Cacém, vive na Ajuda

Se as referências à acessibilidade e à centralidade são condições fundamentais do meio envolvente das quais depende, em boa parte, a qualidade de vida, a noção de este meio incorporar também condições ambientais e de qualidade urbana e paisagista não está de todo ausente das representações de qualidade de vida neste perfil, ainda de uma forma mais evidente que em qualquer dos outros perfis descritos. Neste sentido, a localização da casa é importante, para além da centralidade ou da acessibilidade, pelo enquadramento ambiental (calma, tranquilidade, espaços verdes), sobretudo valorizado pelos “*Localizados Periféricos*” ou pela

qualidade urbana, dimensão mais apreciada pelos “*Localizados Centrais*” e pelos “*Móveis Centrais*”:

*“Penso que é a proximidade com o Tejo. Nós saímos daqui, fazemos passeios a pé muito agradáveis, vamos até às docas, vamos até Belém, até à Torre de Belém, fazemos caminhadas muito agradáveis. E é a proximidade com o centro, nós saímos de carro, em 10 minutos estamos no Chiado, na Baixa, sempre dentro do acontecimento, estamos na cidade, sempre dentro do acontecimento, a nível cultural.”*

E15, Móvel Central, vivia no Cacém, vive na Ajuda

*“E o aspecto estético (ou arquitectónico). Exactamente, é isso, o gostar de ver, o aspecto afectivo ligado ao espaço. Porque a vista também... ver coisas bonitas quando se sai de casa eu acho que também é importante em termos de definição de qualidade de vida, não é?”*

E6, Localizado Central, vive na R. do Salitre

### **A apreciação da vida: satisfação pessoal assente no tempo para o lazer e para as sociabilidades**

Ao contrário do perfil anterior, em que se advinhava uma certa dissonância entre supostas boas condições de vida e uma apreciação de satisfação limitada pela qualidade de vida obtida face a um sentimento dominante de “empobrecimento pelo tempo”, os entrevistados deste perfil parecem reunir as condições necessárias para a concretização do que consideram fundamental para a sua qualidade de vida — ter tempo para fazer o que dá prazer — expressando, por isso e em geral, sentimentos de satisfação em relação à qualidade de vida usufruída actualmente.

Se se reparar no Quadro 8, na célula respeitante à apreciação da vida, a maioria dos entrevistados inscreve a sua apreciação como resultados/objectivos de vida nas três dimensões atrás referidas: a possibilidade de ter tempo para o lazer pessoal, de criar e manter redes de sociabilidade com os amigos e de usufruir da cidade, condições fundamentais para produzir um sentimento de satisfação e realização pessoal e, assim, concretizar a sua noção

de qualidade de vida, assente, como vimos, nas componentes mais hedónicas e pessoais da vida.

Em relação ao perfil anterior, o valorizado em termos do que potencialmente define qualidade de vida e as dimensões de apreciação da vida não são muito distintos, à excepção, por motivos de fase do ciclo de vida, da dimensão familiar e da necessidade de tempo para dedicar à família. A diferença emerge quando constatamos que os entrevistados deste perfil apreciam a sua situação de vida em função de resultados já obtidos e os do anterior em função dos objectivos de vida ainda não concretizados. Daí a insatisfação de uns e a satisfação de outros.

Os factores explicativos desta maior consonância entre condições objectivas de vida e sentimentos positivos de apreciação são complexos e implicam sempre uma referência à trajectória de vida, à diversidade de experiências pessoais que individualizam cada sujeito, à sua situação actual e às perspectivas futuras que alimentam.

Sobretudo para os que sofreram um percurso de mobilidade residencial da periferia para Lisboa, este processo, no momento presente, não só está intimamente relacionado com patamares considerados indispensáveis de qualidade de vida como constitui uma das actuais dimensões de comparação quer com situações passadas quer com outros grupos de referência, gerando, por isso, sentimentos de satisfação:

*“Eu às vezes até falo com o Luís acerca disso, há pessoas com que falo que dizem que não gostam de Lisboa, que detestam Lisboa, eram incapazes de comprar uma casa em Lisboa porque não gostam. Eu acho que as pessoas às vezes não*

*sabem bem o que é que falam. Dizem aquilo por outros motivos quaisquer, se calhar porque não podem e não querem admitir que não podem, enfim. Mas de facto, a nossa qualidade de vida, comparativamente a muitos dos nossos amigos é muito superior, é muito superior. Eles também têm certas... eu por exemplo tenho um amigo meu que mora na Costa da Caparica, tem uma grande proximidade do mar, tem lá os amigos de sempre, porque ele sempre viveu naquela zona. Ele, de facto, aos fins-de-semana tem qualidade de vida, mas quer dizer, durante a semana não tem, passa imenso tempo no trânsito, depois à saída, atravessar a ponte, é impensável. “Uma vivenda dá outra sensação de liberdade, é os miúdos, uma sensação de liberdade. Mas quando é que as pessoas podem usufruir da vivenda, é aos fins-de-semana, e as pessoas não vivem só ao fim-de-semana, vivem nos dias de semana também.”*

E15, Móvel Central,  
vem do Cacém para a Ajuda

Como no perfil anterior, estes entrevistados, do ponto de vista da tipologia de necessidades proposta por Allardt, (Cfr. Quadro 8), enfatizam também necessidades menos materiais e mais elaboradas relacionadas com necessidades de “Being”, isto é, condições de realização de bem-estar e satisfação pessoal. Diferentemente de qualquer dos outros, este perfil salienta, na dimensão de “Loving”, a importância das redes de sociabilidade com os amigos como ingrediente da própria qualidade de vida e, neste sentido, a necessidade de tempo é pré-condição para estas redes serem mantidas.

**Quadro 7** – Significado de qualidade de vida (Grelha Veenhoven): Perfil 4

RECURSOS (“Life Chances”)			RESULTADOS (“Life results”)		
DO PRÓPRIO (“Life-ability”)	Recursos financeiros (boa situação financeira)	E3; E6; E17	APRECIÇÃO DA VIDA	Ter tempo/desfrutar da família	E12;
	Saúde	E3		Ter tempo/estar com os amigos	E3; E6; E9; E12;
	Boa situação residencial	E5; E12		Lazer (desporto, cultural e recreativo)	E3; E5; E6; E9; E12; E15; E17
	Ter emprego estável (boa situação profissional)	E3; E17?		Realização/satisfação profissional	E3; E9;
	Bom nível de educação/cultura			Realização/satisfação pessoal	E3; E5; E6; E9; E15;
DO MEIO ENVOLVENTE (“Livability”)	Ter família (estabilidade familiar)		UTILIDADE DA VIDA	Sentir-se útil para os outros	
	Boas condições de mobilidade/Acesso a equipamentos e serviços	E3; E5; E6; E9; E12; E15; E17;		Participação em actividades comunitárias	
	Viver num sítio ambientalmente agradável (espaços verdes, tranquilidade, qualidade paisagística)	E3; E5; E6; E9; E12; E15; E17			
	Viver num contexto socialmente gratificante (proximidade a familiares, boas relações de vizinhança)	E9; E12			
	Ter acesso à educação/cultura	E15; E17			

Fonte: adaptado de Veenhoven (2000)

**Quadro 8** – Significado Qualidade de Vida (Grelha Allardt): Perfil 4

HAVING	
Condições materiais	E3; E17;
Saúde	E3
Casa com boas condições de habitabilidade (boa situação residencial)	E12;
Emprego (estável, boa situação profissional)	E17?
Bom nível de educação/cultura	E15; E17
Viver em boas condições ambientais	E9; E12; E17
Boas condições de mobilidade / / acesso a equipamentos e serviços	E3; E5; E6; E15; E17
LOVING	
Família (estabilidade familiar; tempo para dedicar à família; proximidade de familiares)	E9; E12;
Amigos (ter amigos e tempo para estar com eles) Boas relações de vizinhança	E3; E6; E12
BEING	
Realização profissional	E3; E9; E17;
Bem-estar pessoal/realização pessoal	E3; E5; E6; E9; E12; E15
Tempo para o lazer/recreação pessoal	E3; E5; E6; E9; E12; E15; E17
Participação em actividades comunitárias	

Fonte: adaptado de Allardt (1993)

## Conclusões

*A experiência da Qualidade de Vida: trajetórias, experiências de vida, recursos e aspirações na construção social da noção de qualidade de vida*

O aprofundamento das questões relacionadas com as representações sobre o conceito de qualidade de vida permitiu fundamentalmente perceber os processos pelos quais as condições de vida são experimentadas pelos sujeitos, esclarecendo os mecanismos de ajustamento envolvidos na relação entre recursos objectivos e bem-estar subjectivo, isto é, como se faz, na expressão de Fahey et al. (2003), a “*experiência subjectiva de condições objectivas*”.

A construção de perfis de representações de qualidade de vida articuladores, como vimos, de trajetórias de vida, experiências e recursos, mostra como estes elementos se combinam para produzir distintas noções de qualidade de vida. Estas noções de qualidade de vida exprimem formas diferenciadas de perceber, hierarquizar e avaliar as várias dimensões da vida dos indivíduos, permitindo entender como, para cada perfil, se estabelecem as relações entre os vários domínios estruturantes do bem-estar individual.

Perceber a lógica de construção destes perfis, obriga a regressar a um dos debates mais actuais na discussão da problemática da qualidade de vida: a clivagem entre uma abordagem dita objectiva, que

dispensa as percepções e as apreciações subjectivas quer na definição quer na avaliação da qualidade de vida, e uma abordagem que se centra precisamente nestas dimensões, entendendo a qualidade de vida como “*um estado experimentado e subjectivamente avaliado*” (Camfield, 2003). A diversidade de sujeitos incluídos nestes perfis, a heterogeneidade da sua origem social e das suas trajetórias individuais, a distinta configuração e combinação de recursos que definem os perfis sociais actuais e a forma como estes elementos se combinam para produzir representações específicas de qualidade de vida, parecem comprovar tratar-se, de facto, de uma noção socialmente construída, resultando menos de condições objectivas de vida e mais das experiências de vida que formatam, ao longo da trajetória dos sujeitos, determinadas aspirações, expectativas e projectos concretizáveis em necessidades e exigências específicas de qualidade de vida.

Deste modo, os perfis a que chegámos quanto às noções interiorizadas de qualidade de vida (sobretudo quanto aos domínios supostamente valorizados como contribuintes para a qualidade de vida), permitem concluir que indivíduos com diferentes recursos enfatizam e perseguem diferentes objectivos de vida, atribuindo uma hierarquia de valores aos vários domínios da vida reveladores, sem dúvida, de distintas necessidades e exigências de qualidade de vida. Demonstram também que indivíduos com diferentes recursos podem escolher

os mesmos objectivos ou, ainda, com os mesmos recursos escolher diferentes objectivos.

Os quatro perfis de qualidade de vida aqui descritos representam, do ponto de vista da origem social, da trajectória de vida e do perfil social actual dos sujeitos que integram cada um deles, sistemas heterogéneos de recursos e constrangimentos com os quais estes sujeitos se confrontam na construção da sua noção de qualidade de vida. Deste ponto de vista, não é surpreendente chegar-se, em cada um dos perfis, a uma noção de qualidade de vida que estabelece uma certa ordem de prioridades quanto aos domínios definidores da qualidade de vida, valorizando uns em detrimento de outros, com base na eleição de determinados objectivos e resultados de vida para os quais os indivíduos se encontram munidos de recursos relevantes. Da ênfase nas esferas mais primárias de subsistência, a habitação e o emprego como acontece no perfil 1, à importância conferida às esferas da vida privada verificada no perfil 2, passando pela valorização de um modo de vida que compatibilize as exigências do trabalho, entendido como realização pessoal, e o tempo para si e para a família, visível no perfil 3, até à eleição das componentes mais hedónicas da vida como temos representado no perfil 4, é possível ler uma diferenciação e uma gradação de recursos e de condições de vida actuais e passadas que moldam, no presente, os diferentes objectivos e resultados de vida perseguidos. As condições de vida de origem, permitindo uma determinada trajectória individual de ascensão ou de reprodução social e orientando as capacidades e os recursos actuais dos sujeitos, marcam, de forma indelével, o que hoje se valoriza como contribuinte para a qualidade de vida, o que se define como qualidade de vida e a forma como se avalia a situação individual presente face ao passado.

Como se observou, um passado marcado por condições precárias de vida, pela luta por recursos básicos de subsistência, faz valorizar como positivo, na actualidade, o conquistado mesmo se isso se refere apenas a patamares de qualidade de vida que reenviam para as condições mínimas de sobrevivência, como no perfil 1. Deste ponto de vista, a experiência de situações de precariedade a vários

níveis, ao longo do percurso de vida, e a ausência de recursos importantes como níveis de escolaridade capazes de proporcionar outras perspectivas de inserção profissional e de ascensão social, limitam as aspirações e as expectativas e fixam patamares básicos de exigências e de necessidades satisfeitas ou a satisfazer.

No contraponto deste perfil, o perfil 3, no qual a origem social mais elevada dos indivíduos permite uma trajectória de conquista de recursos e capacidades orientadores das aspirações e expectativas para outros objectivos de vida: valorização de dimensões menos materiais, de realização pessoal, seja através do trabalho, seja pela a conquista do tempo para si, enquanto possibilidade de recreação e cultivação pessoal, e para a família. Neste sentido, privilegiam-se menos as dimensões centradas nos recursos dos próprios e mais as dimensões de “*liveability*”, como a localização estratégica da casa enquanto factor que facilita as mobilidades quotidiana, condição fundamental na conquista de um objectivo de vida que passa pela posse de tempo para si e para a família.

Estes dois perfis mostram como a construção da noção de qualidade de vida e o que se valoriza como importante para a sua qualidade de vida remetem para determinadas trajectórias e experiências individuais e para a posse de determinados recursos e capacidades, passíveis de fixarem patamares distintos de necessidades e exigências de qualidade de vida, que vão da satisfação de condições básicas de sobrevivência a um modo de vida centrado paradoxalmente na compatibilização entre trabalho e tempo de lazer.

Apesar desta diferenciação de recursos e capacidades, traduzida numa gradação de níveis de elaboração de necessidades e exigências<sup>18</sup>, cada perfil comporta um certo nível de heterogeneidade não só em termos das condições sociais de origem, das trajectórias pessoais e do perfil social que define actualmente os sujeitos incluídos em cada grupo, como ainda na afectação dos recursos e capacidades a determinados objectivos/resultados de vida.

Os casos mais paradigmáticos desta heterogeneidade estão representados nos perfis 3 e 4. No primeiro caso, estamos perante condições sociais de

<sup>18</sup> Recorde-se como, mediante a grelha de Allardt, observávamos a mesma gradação de necessidades numa pirâmide que traduz a valorização de necessidades de pertença sobretudo quando as dimensões mais materiais estão concretizadas e, por sua vez, a referência à importância de dimensões de realização e de desenvolvimento pessoal quando as primeiras não estão em causa por insatisfação.



origem muito diversas, de algum modo, uniformizadas por uma trajectória pessoal baseada na conquista de determinadas qualificações escolares. Qualificações que permitem uma inserção profissional passível de garantir não só estabilidade financeira e um bom nível de vida como a desejada realização pelo trabalho enquanto dimensão fundamental de qualidade de vida. Já no perfil 4, quer a origem social quer a trajectória individual diferenciam bastante o perfil actual dos sujeitos, dotando-os de recursos e capacidades que supostamente definiriam distintas dimensões como contribuintes para a qualidade de vida e fariam reorientar esses recursos na procura de objectivos desiguais. Contudo, apesar desta diversidade, o que uniformiza este grupo de entrevistados é a sua concepção hedónica de qualidade de vida, valorizando as dimensões que possibilitam “fazer o que dá prazer”.

Neste caso, pese a diversidade de condições de origem e actuais, os recursos reorientam-se em função de uma estratégia que possibilite concretizar as dimensões de realização pessoal através do tempo de lazer e de recreação e, assim, as exigências particulares de qualidade de vida. Desde logo, faz parte desta estratégia a localização da casa encarada na perspectiva de garantir maior mobilidade ou proximidade a equipamentos e serviços da cidade e facilidade no uso do tempo disponível para alimentar o que é susceptível de contribuir para o bem-estar e realização pessoal.

No conjunto dos quatro perfis, podemos observar quer uma diversidade de condições de origem e de condições de vida que se transformam em diferentes recursos e capacidades geradores de noções tão desiguais de qualidade de vida, quer situações de posse de diferentes recursos e capacidades materializando-se na procura dos mesmos objectivos/resultados de vida, como parece ser o caso paradigmático do perfil 4. Esta diversidade de situações mostra como se torna importante, na aferição da qualidade de vida, ter em conta o “domínio dos indivíduos sobre os recursos” (Erikson, 1993), na condição de observarmos também as diferentes capacidades de afectar esses recursos a determinados objectivos/resultados de vida eleitos.

Esta capacidade de afectar recursos a determinados objectivos de vida prova, de alguma forma, a margem de acção e de liberdade de escolha no direccionamento dos percursos de vida dos sujeitos, de acordo com as suas preferências e com o modo de

vida eleitos. Esta possibilidade de direccionamento desigual da vida dos sujeitos, mesmo em idênticas situações de posse de recursos e experiências de vida, explica-se, de acordo com Sen (1993), pelo facto de os indivíduos incorporarem diferentes valores e preferências, segundo os quais atribuem distintos valores às várias dimensões constituintes da vida e às funcionalidades obtidas. Este conjunto de valores e preferências justifica a valorização e hierarquização de determinados domínios como contribuintes para a qualidade de vida, aqueles, segundo Diener e Suh (1997), para os quais contam com recursos relevantes, isto é, se apresentam com vantagens individuais. Daí, a importância atribuída aos domínios mais básicos de sobrevivência, no primeiro perfil; às esferas mais privadas da vida individual, no segundo; ao tempo como bem mais escasso num modo de vida dominado pelas exigências do trabalho e da vida familiar, no terceiro perfil; ou, ainda, às componentes mais hedónicas da vida, no último. Demonstra-se, assim, a valorização de dimensões que, tendo a ver com a trajectória de vida, com experiências passadas e com a conquista de recursos considerados relevantes, não deixa de reflectir as escolhas dos sujeitos em função do que valorizam mediante uma matriz de valores e preferências incorporada na noção de qualidade de vida.

*A experiência da satisfação: das condições de vida à percepção subjectiva da qualidade de vida (ou a experiência subjectiva de condições objectivas)*

Na literatura sobre qualidade de Vida, a necessidade de uma abordagem subjectiva da qualidade de vida começa a desenhar-se não só como reacção aos modelos mais objectivistas, assentes na quantificação de condições de vida, mas a partir do reconhecimento de possíveis e frequentes desfasamentos entre condições de vida e experiências de satisfação e bem-estar, julgando-se necessário perceber, neste caso, a forma como as pessoas respondem e sentem nos vários domínios da sua vida. Tal abordagem, como também já foi sublinhado, vai ao encontro de uma noção de qualidade de vida como um conceito vivencial e experimental, remetendo mais para as experiências de vida que para as condições objectivas de vida.

Os resultados obtidos através do aprofundamento da percepção subjectiva da qualidade de vida confirmam estes desfasamentos e obrigam a



procurar os processos que medeiam entre a percepção das condições de vida e a respectiva avaliação, expressa em sentimentos de satisfação ou insatisfação. Através da construção dos perfis de qualidade de vida e respectivas experiências de satisfação, foi possível perceber, quer em relação aos vários domínios da vida dos indivíduos, quer à vida em geral, que, face a condições de vida semelhantes, os indivíduos respondem com diferentes sentimentos de satisfação mas, fundamentalmente, condições de vida muito desiguais, resultantes de trajectórias também muito diversificadas e da posse de recursos e capacidades igualmente diversos, expressam-se em sentimentos de satisfação e numa avaliação positiva da qualidade de vida pessoal.

Nos quatro perfis de qualidade de vida identificados, é possível observar parte da matriz proposta por Zapf (1984)<sup>19</sup> em relação à tipologia de posições de bem-estar, desde processos de *adaptação* a experiências precárias de condições de vida (perfil 1 e, de certa forma, perfil 2), até atitudes de *dissonância cognitiva* manifestadas em sentimentos de alguma insatisfação mesmo em supostas boas condições de vida (perfil 3), passando pela expressão de sentimentos de satisfação *congruentes* com uma experiência de boas condições de vida (perfil 4).

Esta tipologia, ainda que se revele fértil na detecção de possíveis desfasamentos entre condições objectivas de vida e percepção subjectiva da qualidade de vida, parece não ter capacidade explicativa quanto aos processos de ajustamento e de mediação envolvidos na relação entre recursos objectivos e bem-estar subjectivo, sendo necessário encontrar os mecanismos que tornam clara esta relação.

Em qualquer dos perfis a que se chegou quanto à construção da noção de qualidade de vida, a expressão de sentimentos de satisfação e, assim, a qualidade de vida percebida e avaliada não parecem um mero reflexo de processos adaptativos, mas efeito de diversos antecedentes nos quais se forjam dimensões comparativas de avaliação da situação no presente. Regressamos, assim, às propostas de Campbell et al. (1976) e à Teoria das Discrepâncias Múltiplas de Michalos (1985), quando chamam a atenção para os processos que medeiam entre a percepção de um atributo objectivo e a respectiva avaliação estarem relacionados com comparações quer temporais quer sociais ou ainda com a lógica

de formação de aspirações, sendo a discrepância entre aspirações e concretizações a variável preditora da avaliação do bem-estar subjectivo.

Particularizando, a apreciação positiva da qualidade de vida pessoal e os níveis de satisfação manifestados pelos indivíduos que integram o perfil 1 reenviam para a experiência de condições precárias nos domínios financeiro e de habitação, pelo que o confronto com o passado produz actualmente sentimentos de satisfação face a recursos conquistados. Neste caso, a dimensão temporal age como variável comparativa fundamental em relação à qual estes sujeitos avaliam a sua situação no presente, destacando como dimensões contribuintes para a qualidade de vida actual a conquista de melhores condições habitacionais e a maior estabilidade financeira por via da estabilidade no emprego. Já Diener e Suh (1997) salientam que os indivíduos tendem, numa lógica comparativa face ao passado, a enfatizar os recursos que possuem, tanto mais se a sua conquista foi recente, e a escolher objectivos de vida para os quais estão munidos de recursos relevantes. Daí, a valorização de dimensões recentemente conquistadas, de reconhecida evolução positiva como a habitação e a maior estabilidade financeira e a desvalorização de domínios indicadores de necessidades e objectivos de vida mais exigentes, como as dimensões de *“liveability”* ou de apreciação da vida em função de dimensões de realização/satisfação pessoal.

A ênfase em recursos conquistados e, por isso, valorizados como contribuintes para a qualidade de vida apela também a comparações sociais que implicitamente se vão fazendo não com grupos de referência específicos (amigos, colegas de trabalho, vizinhos) mas com situações anónimas, face às quais os indivíduos se auto-avaliam em situações que lhes são vantajosas. Os mesmos autores explicam este tipo de comparações por resultar vantajoso salientar objectivos e recursos em domínios favoráveis.

Estas comparações, a que se soma a vivência em circunstâncias de precariedade fortemente limitadoras da formação de aspirações conducentes a outro tipo de objectivos e de exigências de qualidade de vida, explicam como estes sujeitos adaptam e ajustam a sua atenção cognitiva às expectativas e às circunstâncias externas de forma a tornarem-se vantajosas para eles. Diener e Suh ressaltam preci-

<sup>19</sup> Adaptado de Berger-Schmith e Noll (2000, p.11).

samente que “os indivíduos tendem a escolher objectivos pessoais para os quais têm recursos relevantes e o grau de congruência dos objectivos atingidos com os recursos disponíveis é o preditor do seu bem-estar subjectivo” (Diener e Suh, 1997, p. 202).

A lógica explicativa encontrada para a avaliação da qualidade de vida pessoal nos entrevistados que integram o perfil 2 é semelhante à do perfil anterior, ainda que a trajectória destes não esteja marcada pela vivência de situações de precariedade. De qualquer forma, uma trajectória social ascendente, a evolução positiva em domínios considerados relevantes para a qualidade de vida pessoal como a habitação, a estabilidade familiar e profissional e a ausência de outras aspirações e expectativas, fazem encontrar na mesma lógica de confronto com o passado e da ênfase em recursos já conquistados os ingredientes que marcam uma avaliação positiva da sua qualidade de vida.

A lógica das comparações temporais e sociais para explicar a percepção e avaliação da qualidade de vida pessoal não se revela tão profícua em grupos como os dos perfis 3 e 4. Os indivíduos destes perfis, cuja trajectória pessoal e situação presente asseguram condições de vida em que os domínios destacados nos perfis anteriores e valorizados para justificar os sentimentos de satisfação com a qualidade de vida estão satisfeitos, desenvolveram, por isso, aspirações, expectativas e exigências de qualidade de vida que reclamam outras dimensões e outros objectivos de vida.

No perfil 3, que integra indivíduos inseridos num modo de vida designado de paradoxal, apesar de a maioria ter sofrido também uma trajectória de ascensão social (embora alguns reproduzam positivamente as condições sociais de origem), os domínios centrados nos recursos dos próprios estão há muito satisfeitos, pelo que a sua atenção cognitiva se encontra dissonantemente concentrada entre o que poderíamos chamar boas condições de vida e uma apreciação não totalmente positiva da sua qualidade de vida, reflectindo a paradoxalidade do seu modo de vida. A satisfação com um domínio fundamental para a qualidade de vida como o da realização pelo trabalho é simultaneamente a dimensão que mais a compromete pelas elevadas exigências em termos de tempo e de qualificações, tornando escasso um dos ingredientes definidores da qualidade de vida

para este grupo: o tempo para si, na óptica de uma maior realização pelo lazer e pela cultura, e para dedicar à família.

Já no perfil 4, definido, como se sublinhou, por uma concepção hedónica de qualidade de vida, a percepção e avaliação da qualidade de vida pessoal confronta positivamente objectivos e resultados de vida em dimensões situadas muito além dos recursos individuais, para se centrar em componentes mais exigentes de “*liveability*” e num modo de vida orientado pela gestão do tempo em função do que “dá prazer”.

Nesta análise sobre as formas de construção da noção de qualidade de vida o importante a reter é que a noção de qualidade de vida, tal como a sua percepção subjectiva, traduzida em níveis de satisfação, ao invés de ser uma noção adquirida e estática, refere-se mais a um processo relacional e experimental que reactualiza permanentemente as experiências passadas e as confronta com as situações presentes, projectando necessidades e expectativas para o futuro, de acordo com as posições sustentadas por Campbell et al. (1976).

Articulando trajectórias de vida, perfis sociais actuais e respectivas formas de avaliação das condições de vida e percepção da qualidade de vida, foi possível chegar a determinados perfis a reclamarem, por si, especificidades nas variáveis explicativas da relação em causa. Fundamentalmente, esta forma de inquirição tornou claro que a percepção da qualidade de vida não é um mero reflexo de processos adaptativos às circunstâncias da vida que envolvem a trajectória dos indivíduos mas um efeito de diversos antecedentes nos quais têm origem quer processos comparativos (temporais e sociais), quer o desenvolvimento de lógicas de formação de aspirações e expectativas apelando a uma grande diversidade de necessidades e exigências de qualidade de vida. A importância e a capacidade explicativa de uns ou outros mecanismos não é indiferente.

As dimensões comparativas, quer temporais quer sociais, parecem mais profícuas na capacidade explicativa da percepção da qualidade de vida quando se trata de indivíduos que efectuaram uma trajectória de ascensão social e de melhoria das condições de vida, tendo sido confrontados com maiores constrangimentos ao longo do seu percurso de vida. Assim, a comparação com o passado age como variável valorizadora dos recursos conqui-

tados, ao mesmo tempo que os constrangimentos têm uma função cerceadora das aspirações e das expectativas, justificando apreciações positivas sobre a sua qualidade de vida no presente.

Em grupos de origens sociais mais elevadas, com diferentes recursos económicos, sociais e culturais, o desenvolvimento de outras aspirações, expectativas e exigências de qualidade de vida, cria maiores discrepâncias entre o que se deseja e o que se concretiza, sendo possível encontrar frequentes atitudes de “dissonância cognitiva” manifestadas

em sentimentos de alguma insatisfação mesmo em supostas boas condições de vida.

Na explicação da percepção da qualidade de vida, o que parece importante sublinhar é o papel motor e modelador das aspirações na formulação das necessidades e das exigências de qualidade de vida cujas possibilidades de concretização ditam o maior ou menor grau de satisfação. Certamente estas aspirações vêm condicionadas pelo tipo de oportunidades e constrangimentos com que os indivíduos se confrontam ao longo do seu percurso de vida.

## Bibliografia

- ALLARDT, E., 1993, “Tener, amar, ser: una alternativa al modelo sueco de investigación sobre el bienestar” in NUSSBAUM, M.C.; SEN, A., (comp.), *La Calidad de Vida*, México, Fondo de Cultura Económica.
- BERGER-SCHMIT, R.; NOLL, H. H., 2000, “Conceptual framework and structure of an European system of social indicators”, *Eureporting Working Paper*, n.º 9, Centre for Survey Research and Methodology (ZUMA), Social Indicators Department, Mannheim.
- CAMFIELD, L.; SKEVINGTON, S., 2003, “Quality of life and well-being”, Paper *ESRC Research Group on Well-being in Developing Countries*, University of Bath.
- ERIKSON, R., 1993, “Descripciones de la desigualdad: el enfoque sueco de la investigación sobre el bienestar” in NUSSBAUM, M.C.; SEN, A., (comp.), *La Calidad de Vida*, México, Fondo de Cultura Económica.
- FAHEY, T. et al. (2003), *Monitoring Quality of Life in Europe*, European Foundation for the Improvement of Living and Working Conditions, Economic and Social Research Institute, Dublin.
- CAMPBELL, A.; CONVERSE, PH.; RODGERS, W. L., 1976, *The Quality of American Life. Perceptions, Evaluations and Satisfactions*, New York, Russell Sage Foundation.
- DIENER, E.; SUH, E., 1997, “Measuring quality of life: economic, social and subjective indicators”, *Social Indicators Research*, n.º 40, pp.189-216.
- MICHALOS, A. C., 1985, “Multiple Discrepancies Theory (MDT)”, *Social Indicators Research*, Vol. 16 (4), pp. 347-413.
- PINTO, Teresa Costa, Dez. 2007, “Noções e percepções de qualidade de Vida: que pistas para uma intervenção na cidade”, *Cidades, Comunidades e Territórios*, Lisboa, CET.
- PINTO, Teresa Costa, Dez. 2004, “Qualidade de Vida: reflexões e debates em torno de um conceito”, *Cidades, Comunidades e Territórios*, Lisboa, CET.
- PINTO, Teresa Costa, 2006, *Percepção e Avaliação da qualidade de Vida na AML: recursos, aspirações e necessidades na construção da noção de qualidade de vida*, Dissertação de Doutoramento, ISCTE.
- SEN, A., 1993, “Capacidad y bienestar” in NUSSBAUM, M.C.; SEN, A., (comp.), *La Calidad de Vida*, México, Fondo de Cultura Económica.
- VEENHOVEN, R., 2000, “The four qualities of life. Ordering concepts and measures of the good life”, *Journal of Happiness Studies*, Vol 1, pp. 1-39.
- ZAPF, W., 1987, (comp.), “Germans social report. Living conditions and subjective well-being, 1978-1984”, *Social Indicators Research*, Vol.19 (1), pp. 5-171.